

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Rodrigo Cavalcanti de Andrade

***NON SEULEMENT LES BLEUS: A SELEÇÃO FRANCESA DE FUTEBOL, O
CONCEITO DE IDENTIDADE NACIONAL E SEUS IMPACTOS NA POLÍTICA
SOBRE IMIGRAÇÃO DE EMMANUEL MACRON***

Recife

2018

Rodrigo Cavalcanti de Andrade

***NON SEULEMENT LES BLEUS: A SELEÇÃO FRANCESA DE FUTEBOL, O
CONCEITO DE IDENTIDADE NACIONAL E SEUS IMPACTOS NA POLÍTICA
SOBRE IMIGRAÇÃO DE EMMANUEL MACRON***

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à
Faculdade Damas da Instrução Cristã como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações
Internacionais.

Orientador(a): Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva

Recife

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4/2116

A553n Andrade, Rodrigo Cavalcanti de.
Non seulement les bleus: a seleção francesa de futebol, o conceito de identidade nacional e seus impactos na política sobre imigração de Emmanuel Macron / Rodrigo Cavalcanti de Andrade. – Recife, 2018.
66 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018.
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Bauman. 3. França. 4. Futebol. 5. Macron. 6. Nacionalismo. 7. Política. 8. Yee. I. Silva, Rodrigo Santiago da. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2019-215)

Rodrigo Cavalcanti de Andrade

***NON SEULEMENT LES BLEUS: A SELEÇÃO FRANCESA DE FUTEBOL, O
CONCEITO DE IDENTIDADE NACIONAL E SEUS IMPACTOS NA POLÍTICA DA
FRANÇA***

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade Damas da Instrução
Cristã como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações
Internacionais.

Aprovado em: __ de _____ de ____.

Nota: ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Henrique Lucena Silva - FADIC

Prof. Dr. Elton Gomes dos Reis - FADIC

Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva - FADIC (orientador)

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar o conceito de identidade nacional e suas variações, sob o aspecto da seleção nacional de futebol da França, buscando entender o impacto dessas questões na política de imigração de seu presidente Emmanuel Macron. A questão identitária foi definida baseando-se nas obras do sociólogo Zygmunt Bauman, enquanto que o impacto político da mesma foi analisado pelo viés do debate sobre a influência de ideias nas políticas apresentado por Albert S Yee. Foi possível verificar uma crescente onda nacionalista anti-imigração no discurso adotado por Macron, e concluiu-se que uma maior diversificação de origens de indivíduos com nacionalidade francesa contribuiu para que houvesse uma resposta nacionalista contrária à imigração dentro da sociedade e na política do país.

Palavras-chave: Bauman. França. Futebol. Macron. Nacionalismo. Política. Yee.

ABSTRACT

The present work intends to analyze the concept of national identity and its variations, under the aspect of the national football team of France, trying to understand the impact of these issues on the immigration policy of its president Emmanuel Macron. The identity aspect was defined based on the works of the sociologist Zygmunt Bauman, while the political impact of it was analyzed by the bias of Albert S Yee's debate on the influence of ideas on politics. It was possible to verify a growing anti-immigration nationalism in Macron's speech, and was concluded that a greater diversification of the origins of individuals with French nationality contributed to a nationalist anti-immigration response within the society and politics of the country.

Keywords: Bauman. France. Football. Macron. Nationalism. Politics. Yee.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Origens nacionais dos jogadores da França da Copa do Mundo FIFA 2018.....	13
Quadro 2 - Jogadores Nascidos na França em outras seleções na Copa do Mundo FIFA 2018.....	14
Figura 1 - Gráfico de Nuvem: Frequência das palavras nos discursos de Macron.....	52
Figura 2 - Análise de Similitude: Correlação das palavras nos discursos de Macron.....	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. CAPÍTULO I - NACIONAIS, POLIPÁTRIDAS E IMIGRANTES: A IDENTIDADE NACIONAL FRANCESA E A IMPORTÂNCIA DO FUTEBOL	10
1.1 - A DIVERSIDADE FRANCESA E O CONCEITO DE NACIONALIDADE JURÍDICA	10
1.2 - O FUTEBOL COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E FERRAMENTA POLÍTICA	17
3. CAPÍTULO II - A IDENTIDADE HUMANA, A NACIONALIDADE E A INFLUÊNCIA DAS IDEIAS NA POLÍTICA DE UMA NAÇÃO	22
2.1 - ZYGMUNT BAUMAN: IDENTIDADE E NACIONALISMO NA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA	23
2.2 - BEHAVIORISTAS, INSTITUCIONALISTAS, DISCURSIVISTAS E O PAPEL DAS IDEIAS E CRENÇAS NA TOMADA DE DECISÃO DENTRO DA POLÍTICA INTERNACIONAL	32
4. CAPÍTULO III - IDENTIDADE NACIONAL DOS JOGADORES DE FUTEBOL FRANCESES E O IMPACTO DA VISÃO SOBRE POLIPÁTRIDAS NA POLÍTICA DE EMMANUEL MACRON	38
3.1 - UMA ANÁLISE DA DIVERSIFICAÇÃO DOS ATLETAS DE FUTEBOL FRANCESES EM COPAS DO MUNDO NO PERÍODO ENTRE TÍTULOS E O CONCEITO DE IDENTIDADE DE BAUMAN	39
3.2 - O IMPACTO DA VISÃO SOCIAL SOBRE REFUGIADOS, IMIGRANTES E SEUS DESCENDENTES NA POLÍTICA DA FRANÇA DE EMMANUEL MACRON	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
6. REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

O que compõe a identidade nacional de um país? Formação histórica, cultural, sociológica, étnica, etc, seriam todas respostas válidas e verdadeiras, contudo, em um mundo cada vez mais globalizado onde os Estados adotam diferentes conceitos para definir seus nacionais, é cada vez mais comum o surgimento de polipátridas, pessoas que possuem mais de uma nacionalidade.

A Europa sempre foi um grande centro de migração de pessoas de todo o mundo ao longo do tempo. Economicamente, sua posição privilegiada (ainda que inconstante devido a guerras e crises econômicas) fez com que o continente europeu se tornasse um destino apetecível para indivíduos de países menos abastados que buscavam emprego, oportunidades de negócio ou apenas maiores garantias estatais referentes a seu bem-estar econômico.

Contudo, outro fator que contribuiu grandemente com o aumento do fluxo de imigração foi o crescente processo de integração ocorrido no continente, que além de possuir fronteiras próximas e historicamente mais abertas à cidadãos europeus do que de outras partes do mundo, iniciou com a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço uma integração paulatina que culminaria com a criação da União Européia e o estabelecimento de uma livre circulação de bens e serviços entre os Estados membros. Isso contribuiu para que o fluxo de indivíduos entre as nações fosse intensificado de uma forma gigantesca, tornando a “migração” dentro da própria Europa, fato comum e frequente.

É também sabido que a crise migratória mundial envolvendo países do oriente médio e da África tem grande efeito na Europa, sendo o principal destino por fatores econômicos óbvios, mas principalmente por questões espaciais de ser o ponto estável mais próximo, já que não faz sentido um indivíduo decidir por se refugiar fora do seu país e escolher como destino um outro país em situação similar.

Por último, e talvez um dos grandes responsáveis pela migração para a Europa, está a relação das potências colonizadoras com as suas colônias e ex-colônias. Uma relação tão umbilical como a de tornar outro território parte do seu próprio tem enormes consequências para os dois lados, já que além do fato de que nacionais das colônias passaram a ser oficialmente nacionais dos países colonizadores, existe a questão de que a exploração política

e econômica faz com as ex-colônias sejam hoje em dia nações menos estáveis politicamente e muito mais frágeis economicamente, o que contribui para um êxodo em busca de melhores condições tendo como destino o país ao qual os indivíduos possuem maior vínculo histórico, e em muitos casos amigos e familiares previamente estabelecidos no local.

Como forte exemplo de todos os fatores previamente citados, e sendo um dos principais expoentes do último, está a República Francesa. Um dos países do mundo com maior porcentagem de população imigrante e descendente de imigrantes, a França vive historicamente e principalmente desde há algumas décadas uma forte miscigenação dentro (e curiosamente fora) de sua população.

O típico indivíduo gaulês com ancestrais celtas e nascido em território francês deixou de ser o único expoente da população da França, e passou a dividir a nacionalidade com negros e árabes de diferentes origens, com um indivíduo francês podendo ter pais senegaleses, camaroneses, marfinenses, marroquinos, argelinos ou haitianos. O fato é que a “Identidade Francesa” deixou de ser apenas de origem céltica e romana, e passou a contemplar diferentes cores, origens, religiões e etnias em uma diversidade pulsante, sendo atualmente muito mais complexa do que foi antes da colonização e do advento das imigrações em massa.

Entretanto, há um fenômeno social que pode ajudar a especificar e exemplificar, além de mensurar essa não tão nova diversidade: o futebol. O esporte mais praticado no mundo todo e aquele que maior poder tem de refletir uma sociedade de maneira mais visceral devido ao seu alcance quase absoluto de pessoas de todas as classes sociais, o desporto nascido na Grã-Bretanha é onde essas mesmas pessoas se comportam de forma absolutamente passional e sincera. E se em nível de clubes, os meandros e diversidades de uma sociedade podem de fato ser vistos com clareza, em nível de uma Seleção Nacional, a expressão futebolística máxima de toda uma nação, é possível a observação de fenômenos ainda mais abrangentes. Se a seleção nacional francesa representa muito daquilo que é o povo francês, seriam suas mudanças um reflexo das mudanças vividas pela própria França?

Portanto surge a discussão dentro da sociedade: até que ponto o país deve receber imigrantes ou refugiados, se deve ou não tratar esses indivíduos como nacionais seus, e se esse fenômeno está ou não modificando a sociedade francesa e seu povo. Essa discussão teve enorme repercussão em 1998, com o primeiro título mundial de futebol da França coroando uma geração de jogadores com diferentes origens que recebeu a alcunha de seleção de “Negros, Brancos e Árabes”, e teve seu expoente máximo após o Mundial de Futebol de

2018, quando o time francês que ganhou o segundo título na história do país sendo composto majoritariamente por jogadores filhos de imigrantes, além de outros com diferentes origens que não apenas francesas.

Outro fato que trouxe à tona o tema de maneira forte, esse com graves consequências políticas e sociais dentro do país, ocorreu em 2005 em Clichy-sous-Bois, nos arredores de Paris. Três jovens de origens imigrantes (Negros e Árabes) foram perseguidos pela polícia sem razão aparente, e na tentativa de se esconder foram eletrocutados por um equipamento dentro de uma galpão, causando a morte de dois deles e deixando um terceiro gravemente ferido. Esse episódio culminou com o evento que ficou conhecido como “Tumultos de 2005” onde milhares de moradores das regiões periféricas de Paris foram às ruas e protestaram de modo violento, inclusive quebrando carros e enfrentando a polícia diretamente.

Devido a todos os casos supracitados e centenas de outros, o presente trabalho busca entender como funciona a questão identitária nacional desses descendentes de imigrantes, focando tanto nas relações deles para com a sociedade como da sociedade para com eles. Além disso, busca-se entender se ou em que nível, a percepção desses imigrantes e seus descendentes como franceses afeta a política nacional.

Dentro disso, busca-se primeiramente estabelecer o futebol como aspecto válido de análise sociopolítica dentro das Relações Internacionais, e posteriormente analisar as mudanças ao longo do tempo e os possíveis efeitos da imigração nas convocatórias da Seleção Francesa de Futebol, buscando as origens dos jogadores entre 1998 e 2018 de modo a entender se ou em que medida houve uma diversificação dessas origens dentro do período analisado ao compará-lo com si mesmo a cada ciclo de copa do mundo, além de analisar o que isso representa para a política francesa por meio de notícias e discursos oficiais dos representantes deste país, tendo como principal foco o presidente Emmanuel Macron no início de seu mandato vigente.

A importância desse tipo de análise mora no fato de que hoje em dia as ex-colônias francesas possuem fortes relações étnicas com sua metrópole, de tal modo que modificaram o conceito clássico e tradicional do que seria um “francês” e tornaram-o bastante mais diverso, sendo cada vez mais comum a ocorrência de nacionais franceses nascidos em diferentes países.

Outro importante legado deixado por essa análise está no fato de que, em um mundo onde imigrações são cada vez mais frequentes e numerosas, a inserção desses imigrantes

como nacionais é um problema enfrentado pelo mundo inteiro, incluindo também países que se vêm fora do fluxo migratório da última crise. Um estudo como esse pode servir de base para se entender um fenômeno que já ocorre em vários países e provavelmente ocorrerá em outros tantos, sendo o Brasil um desses outros. Se no ano de 2032, em uma edição de Mundial de Futebol da FIFA, houver um jogador de nacionalidade brasileira mas com origens venezuelanas, qual será a reação e a recepção da sociedade com relação à isso? Por isso, um trabalho anterior analisando situações similares, ainda que em contextos diferentes, pode ser de grande ajuda para entender os desdobramentos de tal situação.

Em termos de metodologia, propõe-se a analisar o fenômeno supracitado sob o viés teórico do que seria identidade nacional, a partir das obras de Zygmunt Bauman, de modo a entender como funcionaria uma possível mudança dentro deste conceito tomando como base os eventos migratórios abordados, assim como a questão dos polipátridas, podendo entender como essas pessoas se vêm e são vistas dentro do contexto de nacionais pertencentes a um país.

Além disso, propõe-se a realizar uma análise majoritariamente qualitativa de fontes disponíveis (notícias, artigos, e principalmente discursos oficiais do presidente Emmanuel Macron nos quais ele falou abertamente sobre imigração) de modo a entender a discussão sobre nacionalidade e imigração dentro da República Francesa tendo como seu foco principal dessa análise o fenômeno do futebol, estabelecendo-o por meio de estudos de cientistas sociais como elemento constituinte e modificador da identidade nacional de um povo. Já a obra de estudo político de Albert S. Yee será utilizada como ponto focal de análise de como essas visões e ideias sobre imigrantes, descendentes e afins afetam a formação de política, ou *policymaking*, da França sob o governo de Emmanuel Macron.

O trabalho de conclusão de curso se divide em três capítulos, o primeiro deles estabelece, por meio de teorias sociológicas e análise de eventos, o futebol como viés de análise. No segundo capítulo é onde são explicadas tanto a teoria de Zygmunt Bauman sobre identidade nacional e percepção do indivíduo na sociedade quanto a abordagem de Albert S Yee sobre o impacto das ideias na política. Por último, no terceiro capítulo, aplica-se a teoria sociológica dentro da questão identitária na França, entendendo o papel de cada um dos agentes, para posteriormente entender como esse tipo de visão e ideias afeta na política de Macron, trazendo exemplos práticos de notícias sobre o presidente e analisando o conteúdo de seus discursos oficiais.

2. CAPÍTULO I - NACIONAIS, POLIPÁTRIDAS E IMIGRANTES: A IDENTIDADE NACIONAL FRANCESA E A IMPORTÂNCIA DO FUTEBOL

No presente capítulo, a questão da nacionalidade na França é apresentada tendo como principal meio de análise a seleção nacional de futebol e as origens de seus jogadores. Além disso, o conceito histórico e jurídico de nacionalidade é apresentado dentro de suas bases estabelecidas, buscando usar isso como maneira de entender a importância dos nacionais ao Estado e vice-versa.

Além disso, o futebol é apresentado como elemento que pode ser constituinte da identidade nacional de um povo, seja no processo de formação, manutenção ou modificação dessa identidade. São citados exemplos práticos de situações onde isso ocorreu: Austrália, Honduras e Costa do Marfim, além da própria França. Buscando assim estabelecer o esporte desenvolvido da Grã-Bretanha como um válido meio de análise de questões de nacionalidade, focando principalmente na questão francesa.

1.1 - A DIVERSIDADE FRANCESA E O CONCEITO DE NACIONALIDADE JURÍDICA

A República Francesa na atualidade apresenta em seu conjunto de nacionais diferentes origens étnicas. Esse fenômeno é motivo de crescente discussão dentro do país, e alcançou seu ápice durante o Mundial da FIFA de 2018, com as diferentes origens dos jogadores da França campeã. O futebol passou então a ser o palco para uma discussão maior e mais profunda sobre identidade nacional, que será tratada neste capítulo pela perspectiva francesa, além de também ter o esporte em geral e, principalmente o futebol, estabelecidos como possíveis meios de análise de formação identitária e nacional.

15 de Julho de 2018, Estádio Lujniki, Moscou, Rússia. A final da Copa do Mundo FIFA de 2018 estava sendo disputada entre França e Croácia, duas nações com complexas questões étnicas e de nacionalidade. Enquanto a Croácia tinha em campo vários jogadores nascidos ainda na antiga Iugoslávia, alguns deles inclusive refugiados da guerra em outros países, a França se apresentava com um elenco que representava sua história sociopolítica de maneira bem mais global: Dentre os 23 jogadores selecionados para representar a República Francesa no mundial de futebol, 19 deles possuíam origens em diferentes países e poderiam ter optado por defender outras equipes nacionais de futebol, segundo levantamento feito pelos

jornalistas Diego Ribeiro e Rafael Landoli, ao portal Globoesporte em 2018¹. Esse número sobre para 21 ao considerar-se informações dos portais BBC² e *La Revue Française de Généalogie*³.

A questão da nacionalidade dos jogadores franceses no mundial esteve tão presente, que até mesmo o técnico Didier Deschamps (Campeão como jogador em 1998 e como técnico em 2018) declarou em entrevista coletiva antes da final, que apesar das diferentes origens seus jogadores eram de fato franceses⁴.

O time da França tem sempre jogadores da África e de seus ex-territórios, em todos esportes. Eles optaram por ser franceses, mas é claro que têm origens, amigos e familiares em diferentes países. É claro que têm alguma ligação com países africanos. Eles têm noção total de que estarão em uma final de Copa do Mundo. (DESCHAMPS, 2018 s/p)

Portanto, o elenco que viria a trazer o segundo troféu de Campeão do Mundo aos *Les Bleus* era composto quase que em sua totalidade (91,3%) de jogadores com descendência de outros países além da Francesa. Esse fenômeno repete também o que ocorreu no título mundial anterior, quando a seleção campeã de 1998 em território francês ficou mundialmente conhecida como “*Black-Blanc-Beur*” ou Negra-Branca-Árabe, em uma tradução livre ao português. A jornalista Jamille Bullé (2018) versa sobre esse aspecto multicultural da seleção e seus impactos na sociedade.

A seleção nacional teve um enorme significado para a França em 1998. Tanto pelo primeiro título da Copa do Mundo, jogando em casa, quanto pela difusão de uma ideia de integração nacional com a equipe “black-blanc-beur” (negra-branca-árabe, em tradução livre). No entanto, episódios de tensão política e racial que aconteceram no país e, especificamente, na seleção, desmoronaram os ideais de *liberté, fraternité e égalité* (liberdade, fraternidade e igualdade, o lema da Revolução Francesa). (BULLÉ, 2018 s/p)

Contudo, é possível argumentar que o selecionado francês em 2018 não só apresentava grande diversidade étnica, como os franceses de nascimento e origens totalmente francesas existiam em ainda menor número, dando espaço a franceses com origens muito mais distintas.

¹ LANDOLI; RIBEIRO, 2018.

² MOREL, 2018.

³ BEAUCARNOT, 2018.

⁴ Disponível em:

<[https://www.foxsports.com.br/news/367662-escolheram-ser-franceses-diz-tecnico-da-franca-sobre-jogadores-d-descendentes-de-africanos](https://www.foxsports.com.br/news/367662-escolheram-ser-franceses-diz-tecnico-da-franca-sobre-jogadores-descendentes-de-africanos)> Acesso em 28 nov, 2018.

É possível observar esse fenômeno analisando as origens de cada um dos 23 atletas selecionados para o Mundial FIFA da Rússia em 2018, além de seu técnico Didier Deschamps, de acordo com o quadro 1:

Quadro 1 - Origens nacionais dos jogadores da França da Copa do Mundo FIFA 2018

Jogador	Origens (Ascendência/Filiação)	Jogador	Origens (Ascendência/Filiação)
Adil Rami	Marroquina	N'golo Kanté	Malinesa
Alphonse Aréola	Filipina	Olivier Giroud	Italiana
Antoine Griezmann	Portuguesa/Alemã	Kyllian Mbappé	Camaronesa/Argelina
Benjamin Mendy	Senegalesa	Ousmane Dembélé	Malinesa
Benjamin Pavard	Francesa	Paul Pogba	Guineense
Blaise Matuidi	Angolana/Congolesa	Presnel Kimpembe	Congolesa
Corentin Tolisso	Togolesa	Raphael Varane	Nascido em Martinica*
Djibril Sidibé	Malinesa	Samuel Umtiti	Nascido em Camarões
Florian Thauvin	Francesa	Steve Mandanda	Nascido na RD Congo
Hugo Lloris	Espanhola (Catalã)	Steven N'Zonzi	Congolesa
Lucas Hernández	Espanhola	Thomas Lemar	Nascido em Guadalupe*
Nabil Fekir	Filiação Argelina	Didier Deschamps	Raízes apenas Francesas

Fonte: Adaptado de Globoesporte (2018)

*Território Ultramarino Francês

Neste mesmo torneio, a Seleção Francesa não apenas se mostrou como uma das equipes com maior diversidade étnica e de origens, como a própria França foi um dos países com maior número de nacionais jogando por outros países, tendo um total de 29 atletas nascidos em território francês disputando a Copa do Mundo sob outra cidadania. Estes 29 atletas se distribuíram por cinco diferentes países (Tunísia, Marrocos, Senegal, Portugal e

Argentina) e a forte presença de nascidos na França dentro de outras seleções reforça ainda mais a situação da França como país multicultural e diverso, sendo representada da seguinte maneira: A Tunísia era o país com maior presença de Franceses de nascimento em sua equipe, com nove, seguida pelo Marrocos com oito e o Senegal também com oito. Completam a lista Portugal com três e a Argentina, com um único atleta, como podemos observar no quadro 2:

Quadro 2 - Jogadores Nascidos na França em outras seleções na Copa do Mundo FIFA 2018

País	Jogadores Nascidos na França
Tunísia	9 (Anice Badri, Dylan Bronn, Elyes Skhiri, Moez Hassan, Naim Sliti, Saif-Eddine Khaoui, Wahbi Khazri, Yam Ben Youssef, Yohan Benalouane)
Marrocos	8 (Amine Harit, Fayçal Fajr, Khalid Boutaib, Manuel da Costa, Mehdi Benatia, Romain Saiss, Younes Belhanda, Youssef Ait Benasser)
Senegal	8 (Abdoulaye Diallo, Alfred Ndiaye, Kalidou Koulibaly, Lamine Gassama, Mbaye Niang, Salif Sané, Moussa Sow, Youssuf Sabaly)
Portugal	3 (Adrien Silva, Anthony Lopes, Raphael Guerreiro)
Argentina	1 (Gonzalo Higuaín)

Fonte: Adaptado de Globoesporte (2018)

Essa diversidade acaba, portanto, por trazer questionamentos vindos do próprio povo francês, que cada vez mais frequentemente discute sobre até que ponto um indivíduo nascido em outro país, ou criado por pais estrangeiros, sente-se ou não francês. O historiador e pesquisador Yvan Gastaut, em entrevista a Remy Dupré, do portal *Le Monde*⁵ em 2018, declarou que a Seleção da França era um objeto político, já que quando vitoriosa era usada como exemplo de uma integração bem sucedida dentro da França, enquanto que nos casos de derrota era apontada como prova da ausência de um senso de comunidade de fato.

⁵ Disponível em:

<https://www.lemonde.fr/mondial-2018/article/2018/07/10/l-equipe-de-france-objet-politique-malgre-elle_5328871_5193650.html> Acesso em 01 Set, 2018

No seio dessa questão está a nacionalidade francesa. É crescente uma forte discussão dentro do país sobre a nacionalidade de imigrantes ou filhos de imigrantes e o papel do Estado ao conceder ou negar nacionalidade a esses indivíduos. Segundo o World Population Review, estima-se que em 2008, os imigrantes e seus descendentes imediatos compunham 19% da população na França (considerando os eventos mundiais ocorridos posteriormente, o número atual é certamente maior). Já na região metropolitana de Paris, lugar que concentra boa parte dos imigrantes dentro do país, estima-se que no ano de 2010 cerca de 27% dos recém-nascidos tinham ao menos um dos pais nascidos estrangeiros⁶. Já em 2012 a França tinha entre seus estudantes de doutorado 41% de estrangeiros além de 32,4% do total de imigrantes sendo estudantes no geral, número inclusive bastante superior ao de imigrantes econômicos, que era 31.152, contra 65.842 estudantes⁷.

Em um estudo realizado sobre os custos da imigração para o país, os pesquisadores Xavier Chojnicki e Lionel Ragot chegaram à conclusão de que os imigrantes não só não trazem prejuízo ao governo francês como proporcionam um excedente de 12,4 bilhões de euros, recebendo do governo um total de 47,9 bilhões de euros (aposentadorias, auxílio-moradia, auxílio-desemprego, renda mínima, suporte à família, saúde e educação) e fornecendo em troca cerca de 60,3 bilhões (encargos sociais, impostos e taxas sobre o consumo, impostos sobre a renda, impostos sobre o patrimônio, impostos locais, contribuição para amortização da dívida social - CRDS e contribuição social generalizada - CSG)⁸.

Contudo, para haver uma compreensão com maior profundidade sobre a questão, é necessário entender o que de fato é um indivíduo “nacional” e o que ele representa para o Estado.

No viés do direito, nacionalidade é o vínculo jurídico-político que torna o indivíduo componente do povo e da dimensão pessoal de uma nação, e segundo Azambuja (2000), constitui elemento fulcral para a existência do próprio Estado. Esse vínculo é inerente ao indivíduo e o acompanha mesmo quando ele se encontra em território estrangeiro, carregando sua nacionalidade com todos os privilégios e deveres que daí advém⁹. Na generalidade dos casos, o direito à nacionalidade primária ou originária é concedido no momento do nascimento do indivíduo, existindo dois critérios amplamente usados pelos Estados ao se

⁶ Disponível em: <<http://worldpopulationreview.com/countries/france-population/>> Acesso em 01 Set, 2018

⁷ LAMRANI, 2012.

⁸ CHOJNICKI; RAGOT, 2011, p. 41.

⁹ CASELLA; ACCIOLY; SILVA, 2010. p.507.

definir a nacionalidade: Critério provindo da ancestralidade ou origem familiar (*ius sanguinis*) ou pelo local de nascimento (*ius solis*).

O *ius sanguinis*, como direito de nacionalidade por filiação, remonta a tempos antigos, onde a família não só era base do Estado como ambos os conceitos de tão próximos se confundiam¹⁰. Para Berardo (2005) esse conceito data da época da Grécia Antiga, tendo sido importante também durante o período do Império Romano. Essa origem pode ser claramente percebida ao se analisar a evolução da organização social do povo grego em seus diferentes períodos: durante o período Homérico (século XII ao VII a.C.) a sociedade grega se dividia em *Genos*, organizações formadas por indivíduos de ancestralidade comum onde o indivíduo mais velho detinha a condição de patriarca e tinha poder absoluto nas esferas militares, políticas, religiosas e jurídicas.

Após o grande crescimento populacional no fim desse período, as terras passaram à condição de bem valioso e escasso e por consequência foram divididas entre os membros do *Gen* de acordo com o grau de parentesco com relação ao patriarca, tendo os indivíduos de ligação sanguínea mais próxima obtido maiores e melhores porções de terras. Posteriormente, já no Período Arcaico (século VIII ao VI a.C.), os *Genos* passaram a se unir e formar *Fratrías*, que com o tempo formaram tribos, que por último seriam os conjuntos componentes das fortes Cidades-Estado Gregas. Nesse momento da história já haveria um primitivo conceito de nacionalidade, com espartanos e atenienses possuindo organizações e características diferentes entre si, onde os cidadãos tinham seus direitos vinculados à Cidade-Estado a qual pertencia sua origem sanguínea¹¹.

Já durante o período de domínio mundial por parte do Império Romano, o *ius sanguinis* se via de maneira ainda mais presente, com o filho de pai romano sendo considerado romano independentemente do local de nascimento. Esse conceito foi predominante nas sociedades humanas durante muito tempo, pois garantia a permanência do vínculo de um descendente com seu povo mesmo quando nascido em terras distantes, e posteriormente foi nominalmente citado no Código Napoleônico de 1804 onde surgiram as primeiras normas jurídicas sobre a aquisição, posse, perda e reaquisição da nacionalidade francesa¹².

¹⁰ SANTOS, 2018

¹¹ COULANGES, 2004.

¹² DEL'OLMO, 2002, p.228.

O *ius solis* por sua vez, é fruto principalmente da organização social na Idade Média, já que os indivíduos nascidos nos feudos eram automaticamente pertencentes e de certa forma “nacionais” daquele local específico. Ainda na Idade Média, esse conceito foi ainda mais fortalecido devido à valorização da posse de terras, símbolo máximo de riqueza, poder e prestígio¹³. Contudo, o *ius solis* adquiriu especial importância após o movimento de formação dos Estados-Nação, onde o termo nacionalidade foi finalmente cunhado pelo jurista italiano Mancini, que rompeu com a tradição contratualista da época ao focar no conceito de “Nação” ao invés de “Estado”, além de ter visto suas teorias terem grande influência na tardia unificação italiana.

A formação dos Estados-Nação na Europa foi fulcral para a intensificação do fenômeno de emigração, já que com o fim da expansão dos povos, iniciou-se uma era de circulação, com os indivíduos cada vez mais mudando-se de país, entre eles as nações recém unificadas de Itália e Alemanha que tiveram forte emigração para outros países, em especial nas Américas. Com essa nova dinâmica mundial, os países tiveram que adaptar-se e flexibilizar suas regras, desde que dentro de certos termos. Berardo (2005) explica com precisão como as duas dinâmicas se conjugaram dentro desse contexto:

Muitos de lá partiram rumo a um novo país em busca de vida nova, e o Estado de origem, no intuito de preservá-los como seus, assim como aos descendentes, traçou regra no sentido de que todos os filhos de seus nacionais seriam também nacionais, independente de terem nascidos ou não em seu território. Ao contrário, os Estados de imigração, para onde se dirigiram aqueles que buscavam melhores condições de vida, firmaram critério diverso. Na intenção de acolher e estabelecer vínculo sólido e definitivo com indivíduos que colaboraram com o seu crescimento, esses Estados, fruto das antigas colônias, estabeleceram o *ius solis* como critério para regulamentar a nacionalidade dos seus. Todos aqueles que nascessem em seu território seriam considerados nacionais, independentemente de sua origem. (BERARDO, 2005, s/p)

Esse fenômeno teve como consequência o fato de que vários Estados passaram a utilizar tanto o *ius soli* quanto o *ius sanguinis* de maneira concomitante e complementar, causando assim o surgimento de indivíduos com mais de uma nacionalidade, ou polipátridas. Um bom exemplo disso é a Itália, que adota o *ius sanguinis* sem restrição de geração, fazendo com que inúmeras gerações de indivíduos nascidos em outros territórios sigam sendo considerados italianos desde que descendentes de um nacional italiano.

¹³ SANTOS, 2018

No caso francês, os polipátridas estão no centro da discussão sobre a nacionalidade. A professora Denise Cogo, especialista no assunto e co-autora do Guia para migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores — Migrantes no Brasil, aprofunda o conceito de nacionalidade em entrevista ao portal Medium, em 2018¹⁴.

O sentido de pertencimento a uma nação não é territorial, mas essencialmente, simbólico, e não depende apenas do lugar geográfico onde nascemos, mas de como nos sentimos como cidadãos de deveres, mas também de direitos na nação em que nascemos, vivemos ou escolhemos para viver” (COGO, 2018, s/p)

Por isso, o entendimento do sentimento de percentencimento nacional passaria pelo entendimento de sua construção e posteriores modificações, além de simbolismos e marcos históricos. Dentro desse contexto é necessário que se tome como base um fenômeno capaz de perpassar todos esses aspectos dentro da cultura de uma sociedade e presente dentro a relação dos nacionais com sua nação: O esporte, ou mais especificamente, o futebol.

1.2 - O FUTEBOL COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA E FERRAMENTA POLÍTICA

O futebol (e o esporte em geral) pode ser considerado fator chave para o entendimento do pertencimento nacional dos imigrantes ou filhos de imigrantes na França e no mundo. Johan Huizinga (1980) define que o jogo, em sua definição mais geral, compõe elemento definidor e importante dentro das atribuições humanas. Esse elemento pauta bastante a maneira como vemos o mundo hoje, com indicadores socioeconômicos sendo vistos como argumento de vitória de um Estado sobre outro, com a busca por maiores e melhores índices tendo um quê esportivo em si. Para o autor, as próprias regras do sistema Parlamentar inglês e seu *Gentleman's Agreement* provém dessa característica “Esportiva” da natureza humana.

Vasconcellos (2008) além de destacar a visão de Johan Huizinga, frisa que o aspecto lúdico e desportivo humano teve grande interferência história inclusive por meio das guerras, já que além de diferenciar conflitos entre Estados de violência pura e informal, contribuiu de forma direta para a formação do conceito de Cavalaria, que serviria como ponto de partida e

¹⁴ Disponível em:

<<https://medium.com/@carlosmassari/jogadores-da-sele%C3%A7%C3%A3o-francesa-representam-um-pa%C3%ADs-que-n%C3%A3o-os-representa-4be7bcb26fdb>> Acesso em 02 Set, 2018

base do Direito Internacional atual, onde o ideal cavaleiresco de honra e nobreza evoluiria para o conceito universal de justiça, observando uma vez mais sua importância para a construção da sociedade internacional atual.

mesmo no caso de conflitos registrados na prática, a comunidade internacional logra conservar alguns caracteres de uma associação lúdica. O princípio da universalidade de direitos, as práticas diplomáticas, o respeito recíproco aos tratados e a igualdade jurídica apresentam uma semelhança formal às regras lúdicas de ordem e equilíbrio no jogo. Nesse aspecto e nesse sentido puramente formal, o exercício, o jogo, de equilibrar e ordenar a sociedade é princípio basilar do processo civilizador [...] Nesse contexto, é significativo o fato de as regras europeias da guerra terem evoluído do código de honra da cavalaria. A guerra era então considerada um nobre jogo – o esporte dos reis – e o respeito obrigatório de suas regras refletia a observância de princípios lúdicos formais. O elemento lúdico contribui para a plenitude da civilização e o respeito às regras do jogo é mais absolutamente necessário nas relações internacionais, que impõem tais condições para prevenir ou corrigir a barbárie e o caos numa latitude maior. Assim, a competição legítima e equilibrada está apegada a preceitos de convívio cultural e civilizado, praticado ou jogado em vários palcos, como a “guerra nobre”, o parlamento, o teatro, o foro e o estádio. (VASCONCELLOS, 2008, pp. 38-39)

Dentro da própria França, era clara a preocupação com os esportes como meio de promoção cultural e de respeito social. Em 1480, o Rei Luís XI divulgou uma ordem incentivando a fabricação de bolas de couro, o que posteriormente fez com que nos anos iniciais do século XV houvessem mais fabricantes de bolas em Paris do que livreiros e tinteiros, além de esses profissionais terem obtido regulamentação própria de sua profissão.

Anos depois, a França e o esporte estariam diretamente envolvidos em uma profunda revitalização do nacionalismo alemão: No século XIX, a Prússia, que então dividia o posto de principal nação de etnia germânica com a Áustria, foi sumariamente derrotada pelos exércitos Napoleônicos na batalha de Jena, o que abalou fortemente o patriotismo alemão. O sentimento nacional germânico só voltou a ser fortalecido após um foco intenso na preparação dos jovens por meio dos esportes, principalmente a ginástica, reafirmando os valores e tradições nacionais por meio do esforço, da obediência e do “vigor da alma”. A posterior derrota francesa ante os alemães em 1871 também gerou efeito similar em território gaulês, com a educação por meio do esporte sendo vista como pedra basilar da recuperação social¹⁵.

De volta à política gaulesa, o esporte seguiu como importante elemento dentro da política nacional e internacional. Pierre de Coubertin teve grande importância ao organizar junto à Grécia e outras nações a volta dos jogos olímpicos, tendo grande contribuição nas

¹⁵ VASCONCELLOS, 2008, p 41

afirmações nacionais que eclodiram na época, sendo capazes projetar valores de comunidade entre as nações do globo. Ao mesmo tempo, dentro da própria França, Coubertin foi um dos grandes responsáveis por fomentar as rivalidades locais entre os clubes, provando uma vez mais o valor do esporte como meio de educação. Isso tudo contribuiu para que no ano de 1920 se formasse uma pioneira Alta Comissaria Nacional voltada aos esportes, e que deu origem ao Secretariado de Estado responsável por promover profundas reformas nos centros esportivos por volta de 1940, além de assumir a batuta da preparação atlética das equipes esportivas nacionais a partir de 1965¹⁶.

De vários modos, a popularidade e a abrangência dos desportos entre a população, os torna, além de partes importantes da superestrutura social, partes da própria cultura e do convívio diário dos nacionais de um país, além de importantes ferramentas estatais de conexão ao povo, sendo assim parte basilar da formação da identidade nacional. Diversos estudiosos vêem o esporte como elemento fundamental nesse sentido, já que ele tende a ser o elemento de conexão entre o simples lazer e a educação nacional. Segundo Vasconcellos (2008) o esporte serve de fundamento social e molde para políticas de governo que buscam o fortalecimento do sentimento nacional.

Esse fenômeno pode ser observado com clareza dentro da realidade da Oceania, já que na parte final do Século XIX o críquete foi elemento basilar das mudanças identitárias de um dos povos desse continente. Os australianos tinham uma identidade umbilicalmente ligada à Inglaterra, inclusive cultuando os clubes e jogadores ingleses de críquete, ao mesmo tempo em que se sentiam inferiores devido as origens dos ingleses aos quais chamavam ancestrais, já que os colonizadores da Austrália foram em sua maioria exilados, prisioneiros e socialmente desvalorizados em geral. Esse sentimento era ainda mais fortalecido pela crença em uma suposta desvalorização do seu povo devido à distância da metrópole tão admirada. Contudo, as vitórias contra a seleção da Grã-Bretanha no críquete e a posterior recusa dos australianos em compor a seleção do Império Britânico se provaram um ponto de mudança primordial, sendo manifestação primeva do nacionalismo esportivo que deu origem ao nacionalismo político de fato, basilar e sustentáculo de todo o movimento independentista australiano¹⁷.

A questão identitária australiana, entre vários outros casos, ajuda a perceber o valor do esporte como aglutinador e o seu forte significado para a manutenção de identidades nacionais

¹⁶ *Ibidem*, p;45

¹⁷ VASCONCELLOS, 2008, p 50-51

e projeção internacional, além de se provar como importantíssima ferramenta de política externa, como é o caso especificamente do futebol em sua condição de esporte mais praticado no mundo, tendo sido protagonista de vários eventos formadores ou reafirmadores de identidades nacionais.

Um dos mais conhecidos entre esses eventos, foi a “Guerra do Futebol”, oficialmente “Guerra das Cem Horas” entre as nações de Honduras e El Salvador, ocorrida em 1969. Inicialmente, ambos os países não apresentam significativas diferenças étnicas ou culturais entre si, e naquela época nem sequer apresentavam rivalidades, fossem futebolísticas ou nacionais. Tudo mudou com o advento do crescimento populacional dentro de El Salvador na década de 60, o que fez com que houvesse uma acentuada migração para Honduras, principalmente de trabalhadores rurais que buscavam emprego no país vizinho. Isso ocorreu ao mesmo tempo em que Honduras passava por uma crise de instabilidade política que culminou em uma violenta intervenção militar, onde a forte repressão do governo a seus nacionais era a tônica. Os hondurenhos passaram então a culpar os imigrantes provindos de El Salvador pela crise econômica e política, o que iniciou a tensão entre os dois países. Enquanto isso, as seleções nacionais de ambos os países se enfrentaram em duas partidas, buscando uma vaga no Mundial de Seleções da FIFA. A primeira partida ocorreu em Honduras com a delegação de El Salvador sofrendo forte represália durante sua estadia no país vizinho, e terminou com a vitória hondurenha por um gol de diferença, culminando no suicídio de uma jovem torcedora de El Salvador após o gol que selou a derrota.

O caso teve extrema repercussão nacional, e a jovem foi vista como mártir pela população *el salvadoreña*, um fenômeno que em via de regra contribui para o fortalecimento do nacionalismo de uma nação. Isso tornou a segunda partida, realizada em El Salvador, um verdadeiro palco de ódio, com os jogadores hondurenhos vendo o hotel onde estavam ser vandalizado pelos locais, e a bandeira de Honduras queimada antes do início da partida. A vitória de El Salvador por três gols de diferença iniciou uma série de conflitos dentro do país, com imigrantes de Honduras sendo agredidos e dois deles mortos, o que culminou com o fechamento das fronteiras entre os dois países horas depois da partida.

Contudo, após uma vitória para cada lado, era necessária uma terceira partida para desempate. Essa partida foi realizada no México por ser território neutro, e acabou com a vitória de El Salvador por 3x2. Os ânimos exaltados fizeram com que dias depois da partida, forças armadas de El Salvador invadissem o território hondurenho, desencadeando 100 horas

de conflito que culminaram em 6 mil mortos, 12 mil feridos graves e 150 mil perdas de propriedade. O conflito só foi finalizado após interferência direta da Organização dos Estados Americanos e contribuiu para o fortalecimento das identidades nacionais de ambos os países em oposição ao outro¹⁸.

Outro dos episódios que ressalta a importância do futebol dentro da identidade nacional e das relações internacionais ocorreu na Costa do Marfim em 2007. O país passava por uma violenta guerra civil que havia dividido seu território em dois, sendo o sul controlado pelas forças nacionais e o norte sob domínio dos rebeldes conhecidos como *Forces Nouvelles*, ou Forças Novas. Milhares de nacionais já haviam morrido durante a guerra e nem as denúncias de violação dos direitos humanos e intervenções internacionais haviam sido capazes de pôr um fim no violento conflito. Dentro desse contexto, a seleção nacional marfinense havia se classificado para o Mundial de Seleções da FIFA, e o principal jogador do time e à época um dos principais jogadores do futebol mundial, Didier Drogba, discursou logo após a partida pedindo paz e novas eleições em sua terra mãe. O jogador não logrou receber tudo o que pediu, mas seu discurso conseguiu o que nenhuma entidade até o momento havia tido sucesso em obter: o cessar-fogo entre forças nacionais e rebeldes.

Dois anos depois, o mesmo jogador declarou sua vontade de ver a partida de caráter amistoso entre Costa do Marfim e Madagascar realizada na cidade de Bouaké, capital da rebelião e sede das tropas rebeldes. Sua demanda foi atendida, e num evento onde esperava-se que ocorresse violência em larga escala, autoridades do governo e rebeldes dividiram assentos no estádio enquanto um tanque de guerra das forças rebeldes conduziu os jogadores ao local da partida e Didier Drogba foi aclamado pela população como o “libertador” da pátria. O mesmo Didier Drogba que posteriormente organizou reuniões entre os dois lados, e, acabou por ser o grande nome do eventual fim da rebelião dentro do país.¹⁹

Esses eventos corroboram a crença de que o esporte no geral, e principalmente o futebol devido ao seu alcance e difusão, pode de fato ser visto como parte central de estudo social e político, já que constitui elemento basilar e fundamental dentro de uma sociedade, sendo objeto de afirmação ou reafirmação de uma identidade nacional, reflexo das questões sociais no país, ou até mesmo como objeto direto de política estatal nacional ou internacional.

¹⁸ CARDOSO, 2009.

¹⁹ FRANÇA, 2018.

Além disso, corrobora a tese de que a nacionalidade francesa pode ser analisada pelo viés futebolístico-esportivo além do viés identitário e sociológico.

Para esta finalidade, o presente trabalho se propõe, em seu segundo capítulo, a analisar o arcabouço teórico sobre nacionalidade e identidade nacional, tomando como base principal os trabalhos de Zygmunt Bauman, entendendo a questão da identidade nacional sobre como o indivíduo se vê perante a sociedade e como é visto por ela. Além disso, buscará explicar como ideias afetam a política de um país, baseando-se do debate proposto pela obra de Albert S Yee.

3. CAPÍTULO II - A IDENTIDADE HUMANA, A NACIONALIDADE E A INFLUÊNCIA DAS IDEIAS NA POLÍTICA DE UMA NAÇÃO

O presente capítulo dedica suas primeiras páginas ao entendimento da teoria de Zygmunt Bauman sobre a formação identitária do indivíduo, e como essa formação é afetada, ou mais especificamente restringida, pela sociedade que o cerca. Em sua segunda parte, versa sobre o debate proposto por Albert S Yee entre behavioristas, institucionalistas e discursivistas sobre o impacto das ideias nas políticas estatais.

Ciente das divergências epistemológicas entre a teoria sociológica pós-moderna de Bauman e a abordagem construtivista de Yee, o trabalho se propõe a aplicar ambas as teorias em elementos diferentes do estudo. Pode-se observar que as teorias foram utilizadas de modo complementar em seções não excludentes, já que enquanto Bauman servirá para explicar apenas a questão da nacionalidade e da relação indivíduo-sociedade, a discussão trazida por Yee terá como objetivo entender o impacto de uma ideia (aqui especificamente, a ideia que os indivíduos dentro da sociedade francesa têm dos polipátridas e esses de si mesmos) na política de uma nação.

2.1 - ZYGMUNT BAUMAN: IDENTIDADE E NACIONALISMO NA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA

Alle Menschen werden Brüder: Todos os homens se irmanam. Para Bauman (2005) esse trecho da 9ª sinfonia de Beethoven e também presente no hino europeu, representa a imagem da fraternidade, além de uma tentativa de se alcançar o impossível. Em suas próprias palavras, diferentes, mas os mesmos; separados, mas inseparáveis; independentes, mas unidos.

O autor define a busca pela identidade como uma tarefa que não cabe em um período de tempo real, e sim como uma busca infinita. Tomando emprestado conceitos do sociólogo alemão Siegfried Kracauer, ele vê a identidade como algo definido por uma comunidade precedente, onde essas comunidades podem ser “de vida”, no caso onde os indivíduos vivem juntos e conectados, ou “de destino” quando a ligação entre esses indivíduos se dá unicamente no campo das ideias e princípios.

A indagação sobre a própria identidade não estaria presente em indivíduos cuja comunidade precedente atende aos requisitos “de vida”, estando reservada apenas aos que têm sua base identitária ligada por ideias. Esses, segundo o autor grande maioria na modernidade, se vêm questionando suas próprias identidades devido à enorme variedade de ideias aos quais as pessoas estão expostas em um mundo pluricultural. Nesse cenário, os indivíduos fazem e refazem escolhas repetidamente, inclusive tentando conciliar demandas que em si não seriam compatíveis ou convergentes.

O pertencimento e a identidade, portanto, não seriam conceitos firmes e sólidos, mas sim negociáveis e revogáveis, estando doravante ligados aos indivíduos, suas trajetórias e decisões — incluindo nesse lote a decisão de manter-se conectado a uma identidade. Dentro deste cenário, a identidade seria vista como uma questão surgida apenas e unicamente quando o pertencimento fosse posto em causa, tornando-se então uma espécie de tarefa e ser realizada pelo indivíduo seguidas e infinitas vezes.

No mundo “Líquido-moderno”²⁰ tudo à nossa volta está repartido em diversos fragmentos mal coordenados, enquanto nossa própria existência seria formada por uma sucessão de episódios que para o autor estariam todos mal conectados entre si. Nesse cenário, a quase totalidade dos indivíduos estaria exposta à mais de uma comunidade “de destino” e suas ideias e princípios e por isso têm dificuldades em lidar com o que os distinguiria como pessoas, já que cada indivíduo traria consigo mais de uma comunidade à qual pertence.

Portanto os indivíduos estariam sempre total ou parcialmente deslocados, tendo as diferenças entre si tanto atenuadas e escondidas quanto ressaltadas e expostas, seja por eles próprios ou por outros. Ao aprender a lidar com as consequências que daí advêm, esses indivíduos poderiam passar a sentir-se confortáveis em qualquer lugar, sob o preço de jamais sentirem-se plena e totalmente confortáveis em local algum.

A identidade individual, além de precedida por uma (ou mais de uma) comunidade, também seria precedida e construída a partir de identidades coletivas sendo não algo pré definido, mas sim algo construído pelo próprio indivíduo, podendo tanto ser construída a partir do zero quanto escolhida entre alternativas. O que não mudaria em nenhum dos dois

²⁰ O mundo líquido-moderno de Bauman é o mundo atual, pós revolução dos transportes e comunicações, onde as relações, conexões e identidades humanas passaram a ser muito mais efêmeras e frágeis, sendo facilmente criadas ou descartadas, e onde as pessoas vivem em constante busca por novas relações e estabilidade em certo nível. Retirado de: BAUMAN, 2001.

casos seria a luta por manter essa identidade formada, que só seria possível ao ocultar-se a precária estabilidade da mesma. Contudo, para Bauman (2005) essa ocultação na modernidade é sumariamente difícil, quiçá impossível, já que as forças que antes moviam esse trabalho estariam agora prioritariamente concentradas na construção separada da identidade individual, ao invés de uma construção conjunta.

Para Robert (2002) as relações sociais humanas, durante a maior parte de sua história, se limitavam à proximidade espacial. A sociedade era limitada às vizinhanças e se restringia ao conhecimento mútuo das pessoas, e suas funções individuais (ou os lugares dos indivíduos na sociedade) eram extremamente evidentes, de modo que sequer se avaliava, quem dirá negociava, seus papéis dentro dessa sociedade. Haviam de fato “pessoas sem senhor” que tinham seus papéis em conflito, contudo, esse fenômeno era secundário demais para receber atenção devida.

Apenas com a gradativa queda do poder aglutinador das vizinhanças — complementado pela revolução dos transportes e talvez até devido a isso, foi que o problema da identidade surgiu de fato, pois assim como definido anteriormente, a questão da identidade surge apenas quando existe um conflito com o conceito de pertencimento. O Estado Nacional surgiria então como novo aglutinador e definidor de uma identidade nacional necessária à sua própria soberania.

O próprio Bauman, em uma curta passagem de sua obra, define com clareza a questão da identidade como resposta à instabilidade do pertencimento, além do fato de que essa identidade depende de uma ação ativa do indivíduo para existir:

Afinal de contas, perguntar “quem você é” só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo; só se você tem uma escolha, e só se o que você escolhe depende de você; ou seja, só se você tem de fazer alguma coisa para que a escolha seja “real” e se sustente. (BAUMAN, 2005, p 25)

Por isso, a ideia de uma identidade, principalmente uma identidade nacional, não seria algo natural ao indivíduo, mas algo forçado a ele inicialmente como um dado ficcional, e posteriormente como uma tarefa (ainda não realizada, incompleta) que o impelia a agir, e que com o advento do Estado Nacional o obrigava, coagia e convencia a agir pela manutenção dessa identidade, sendo esse o processo que a transformou de conceito ficcional não apenas

em realidade, como na única realidade imaginável. O próprio autor define em sua obra a relação indivíduo-Estado-nacionalidade em simples termos:

Estado e nação precisavam um do outro. Seu casamento, alguém poderia dizer, foi oficiado no céu... O Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade. Por outro lado, uma nação sem Estado estaria destinada a ser insegura sobre o seu passado, incerta sobre o seu presente e duvidosa de seu futuro, e assim fadada a uma existência precária. Não fosse o poder do Estado de definir, classificar, segregar, separar e selecionar, o agregado de tradições, dialetos, leis consuetudinárias e modos de vida locais, dificilmente seria remodelado em algo como os requisitos de unidade e coesão da comunidade nacional. Se o Estado era a concretização do futuro da nação, era também uma condição necessária para haver uma nação proclamando - em voz alta, confiante de modo eficaz - um destino compartilhado; A regra *cuius regio, eius natio* (quem governa decide a nacionalidade) é de mão dupla. (BAUMAN, 2005, p 27)

Bauman (2005) crê que a identidade nacional era uma espécie de “grito de guerra” visto que uma identidade coletiva coesa que se sobrepunha às identidades individuais não seria algo de fácil manutenção, existindo em estado de permanente precariedade e incompleta. Nesse momento, o sociólogo dialoga com as obras de Ernest Renan, com seu conceito de identidade como plebiscito diário. Renan via a identidade nacional como um fenômeno de contínua renovação, onde o indivíduo escolhia ativa e diariamente ser parte de um grupo nacional, o que converge perfeitamente com a visão de Bauman da identidade como tarefa contínua.

Contudo, esse fenômeno ocorre devido à supracitada sobreposição da identidade individual pela identidade coletiva, que só é possível por meio da ação sugestivo-coercitiva do Estado por meio de sua soberania indivisível. O Estado agiria não só pelo viés da aglutinação, que ao longo do tempo perderia seu poder sedutor e deixaria de ser tão eficaz, mas passaria a usar de seu poder de exclusão, estabelecendo uma clara diferença entre “nós” e “eles”. É prioritário entender que a identidade nacional, ao contrário de outros tipos de identidade, faz essa distinção por natureza, principalmente por exigir uma fidelidade exclusiva, e portanto excludente.

Até mesmo identidades pertencentes a outras esferas passaram a ser subordinadas e dependentes da identidade nacional a partir do momento em que essas outras esferas dependiam da regulamentação ou permissão do próprio Estado. A naturalidade automática da nacionalidade adquirida por nascimento, seria apenas um conceito construído pelo próprio Estado como ferramenta de manutenção da coesão nacional, que de outra forma seria precária.

Entretanto, quando o princípio do *cuius regio, eius natio* se enfraquece, a identidade perde sua principal âncora social, aquilo que a fazia parecer natural, e os indivíduos passam a buscar desesperadamente um novo “nós”, em outras palavras: quando as âncoras sociais (e neste caso a principal delas) que sustentam a identidade se diluem ou perdem importância no mundo moderno, os indivíduos buscam com afincamento por novas maneiras de modo a não se sentirem deslocados ou incompletos. A identidade ligada à questão territorial e da proximidade permanece, mas de modo bastante mais precário e instável.

Uma das principais questões dentro da modernidade é que na época da internet e das relações virtuais, os grupos virtuais ou “simulacros de comunidade” tendem a ocupar esse espaço deixado pelas âncoras sociais mais ortodoxas, contudo eles são ainda mais frágeis e efêmeros, já que a facilidade para fazer ou deixar de fazer parte de um grupo virtual é inigualável. Isso causa uma constante busca por novos grupos e um grande esforço demandado para mantê-los vivos por um certo período, ao mesmo tempo que não nos satisfazemos nesses grupos por um período longo demais. Devido a essa nova fluidez, as identidades ortodoxas e inegociáveis deixam de funcionar do mesmo modo, sendo substituídas por interações menos significativas e diminutas.

Em um mundo globalizado, os Estados perdem o interesse e o poder de manter o patriotismo, que é transferido às forças do mercado. Esse processo é definido com clareza nas palavras do próprio autor:

Os direitos econômicos agora estão fora das mãos do Estado, os direitos políticos que ele pode oferecer são estritamente limitados e circunscritos [...] enquanto os direitos sociais são substituídos um a um pelo dever individual do cuidado consigo mesmo e de garantir a si mesmo vantagem sobre os demais (BAUMAN, 2005, p 35)

Após essa quase cisão entre Estado e nação, ou em melhores termos seu claro enfraquecimento, a criação e a manutenção da identidade individual passa a ser trabalho quase que exclusivo do indivíduo, além de dispendioso e difícil devido à aversão a identidades mais sólidas e duradouras, muito mais difíceis de se construir e manter. As pessoas passam a viver em uma espécie de limbo, em que a liberdade é ao mesmo tempo estimulante e causa ansiedade, enquanto a estabilidade é buscada na forma de segurança e também mal vista quando apresentada como algo fixo e inflexível. Identidades passam a ser vestidas como um leve manto, pronto a ser despido a qualquer momento, já que quase nenhuma comunidade oferece mais a estabilidade e a confiança necessária para se fincar raízes.

Bauman versa então sobre o surgimento de “comunidades guarda-roupa” que surgiriam permitindo às pessoas perdurarem seus problemas e questões individuais por um breve momento de modo a participar de uma comunidade temporária (e de baixo compromisso) ligada a um evento. Crimes particularmente apelativos, eventos da vida de celebridades, o surgimento de um novo inimigo público, e nominalmente citado pelo autor, o futebol como evento esportivo. Essas “identidades guarda-roupa” substituem em quantidade a qualidade de uma única identidade definidora, com o indivíduo passando a ter uma rede de conexões ao invés de uma identidade forte, e a aventura da incerteza veloz passa a ser uma tarefa exaustiva e aflitiva.

Nesse arcabouço, Bauman dialoga bastante com sociólogos como Bourdieu (1996) que com seu conceito de *habitus*, também vê o indivíduo como formador de sua identidade. Contudo, no caso de Bourdieu, essa formação acaba por ser mais contextual do que ativa, sendo portanto conceitos que, não sendo totalmente concordantes ou discordantes, podem ser complementarmente aplicados. Em sua obra, o autor define o que seria de fato o *habitus*:

O *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas — o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc. mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro. (Bourdieu, 1996)

Dentro deste cenário, existiriam dois grupos de indivíduos: aqueles privilegiados com condições de definir ou escolher suas próprias identidades, e aqueles cujas identidades lhe eram impostas. As pessoas viveriam portando em uma instabilidade por não saber até que ponto se estendem seus privilégios e sob o medo de ter identidades impostas a elas. Fenômeno diretamente explicado pelo próprio em suas obras:

Permita-me comentar que a identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de duas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas *por outros* — identidades de que eles próprios

se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam...

A maioria de nós paira desconfortavelmente entre esses dois pólos, sem jamais ter certeza do tempo de duração de nossa liberdade de escolher o que desejamos e rejeitar o que nos desagrada, ou se seremos capazes de manter a posição de que atualmente desfrutamos pelo tempo que julgamos satisfatório e desejável. Na maior parte do tempo, o prazer de selecionar uma identidade estimulante é corrompido pelo medo. Afinal, sabemos que, se os nossos esforços fracassarem por escassez de recursos ou falta de determinação, uma outra identidade, intrusa e indesejada, pode ser cravada sobre aquele que nós mesmos escolhemos e construímos. (BAUMAN, 2005, pp 44-45, grifo do autor)

Há, segundo o autor, uma batalha constantemente travada em duas frentes: na primeira delas, a identidade escolhida e preferida se contrapõe às identidades antigas mal quistas e abandonadas no passado; enquanto que na outra frente a identidade principal luta para repelir as pressões de outras identidades impostas por outros (estereótipos, rótulos, estigmas, etc). Existem pessoas às quais se nega o direito de adotar a identidade escolhida por si, o que por si só seria socialmente abominável, mas também haveria uma subclasse ainda inferior, das pessoas que tiveram negado até mesmo o direito da escolha primordial e não podem sequer reivindicar uma identidade distinta daquela que lhes foi imposta. Essa subclasse apresenta não uma individualidade negada, como no primeiro caso, mas sim uma ausência de individualidade e lhes é negado o próprio espaço social onde identidades são construídas, deixando de ter uma existência socialmente reconhecida (*bios*) e passando a ter uma vida puramente animal, sem as condições humanas permitidas (*zoe*).

Aqui Bauman cita especificamente os refugiados como membros dessa subclasse, por lhes haverem negado um território em um mundo onde a soberania estatal é estritamente territorial. Além das privações comuns à subclasse, a essas pessoas também lhes é negada a mera presença física em um território, sendo destinadas a “não-lugares” como campos de refugiados e afins, distantes do convívio social de outros indivíduos. Se com o imperialismo, os conquistados eram sumariamente explorados, com o capitalismo globalmente difundido, passou-se a haver o fenômeno mundial da criação de pessoas rejeitadas, ou “lixo humano” que não seriam mais necessárias ao ciclo de funcionamento da economia global, e que portanto teriam sua acomodação em uma estrutura social tornada impossível.

O Estado, em um processo recente de mudança de paradigmas de modo a manter satisfeita uma maioria e não mais focado em garantir bem estar social, pouco contribuiria para a mudança desse cenário. Por isso homens e mulheres, já não mais amparados pelo Estado e sob constante ansiedade devido ao “espectro da exclusão”, vivem com medo de serem

excluídos pois sabem que esses são calados e os outros tornam-se inacessíveis a eles. Esse fenômeno é um dos principais responsáveis por trazer à tona o fundamentalismo de modo a compensar a estabilidade não mais encontrada no patriotismo constitucional.

Aqui, é possível encontrar convergências com a obra de Bugiato (2011) sobre o declínio do Estado. Segundo o autor, entre outras teorias que explicam esse declínio, existiria a teoria da economia sem fronteiras, que versa justamente sobre o declínio da influência do Estado devido ao advento da globalização legitimadora dos poderes do mercado. Como explica o próprio em suas palavras:

Na idade imperial, ou na época das multinacionais, a soberania estatal não faria mais sentido, uma vez que as regras do mercado ditariam as normas do cenário internacional. [...] Nesse mundo imperial interconectado pelas redes – que não se restringem apenas à esfera econômica – nenhuma instituição seria capaz de captar todas as dimensões de um determinado assunto, isto é, problemas como o tráfico de drogas, degradação ambiental, migrações, armas de destruição em massa, etc., tornar-se-iam questões universais que não poderiam ser resolvidas pelo Estado-nação por si próprio. (Bugiato, 2011)

Voltando à Bauman (2005) as pessoas dentro deste cenário estariam montando um quebra cabeças o qual não sabem a imagem final, e acabam por juntar peças que pareçam fazer sentido a si e posteriormente tentando formar uma (ou mais de uma) imagem minimamente agradável, descobrindo ao longo do caminho os objetivos que se pode (ou se quer) atingir com base nos recursos disponíveis. Usando essa lógica, as pessoas antes necessitavam confiar na sociedade como um árbitro de suas escolhas que tornaria essas mesmas escolhas aceitáveis, contudo, no processo moderno da fluidez das estruturas, nem sequer a sociedade teria confiado a si este papel. A sociedade passaria portanto a ser um adversário a se ter desconfiança, e as pessoas passariam a então buscar derrotá-la dentro de seu próprio jogo. não tendo como objetivo formar identidades coesas (já que a estabilidade nesse sentido é malquista).

Ao ser questionado sobre se o surgimento de fortes movimentos nacionalistas seria um paradoxo dentro desse cenário, Bauman discorda, posicionando esse fenômeno como uma consequência factual da erosão da soberania estatal, já que o nacionalismo surge exatamente quando o Estado falha na manutenção de uma coesão nacional. O nacionalismo seria uma tentativa de criação de uma comunidade, um escudo para protegê-los da exclusão. Um caminho natural de culpar a sociedade e o outro pela crise vivida por si. Segundo o autor, a

própria violência teria como objetivo tornar os pouco diferentes inequívoca e gritantemente diferentes, de modo a expurgar um suposto agente poluidor que envenena a sociedade, e esse fenômeno pode ser observado em diferentes níveis em todos os lugares.

O nacionalismo portanto seria uma alternativa de solução local a problemas gerados globalmente, um experimento de proteção de um território pertencente a si ao qual não se crê que o Estado é mais capaz de proteger naturalmente. A identidade nacional poderia ser oposta entre duas interpretações diferentes: o modelo cívico, da escolha do indivíduo pela nacionalidade, e o étnico, da identidade nacional adquirida automaticamente no nascimento. Quando o Estado diminui seu próprio papel em definir essa questão, aumentando o poder dos próprios indivíduos e tomando involuntariamente o caminho mais multicultural da interpretação cívica, é natural que as pessoas que já não confiam mais no Estado como provedor de sua identidade se voltem para a interpretação oposta. A comunidade passa a ser uma escolha ambivalente, amada e odiada ao mesmo tempo pelos indivíduos, que fazem a escolha de qual das posturas assumirão, ou se assumirão as duas, ou se nenhuma.

Para Bauman (2005) a identidade nesse contexto é algo primariamente defensivo, usado para se proteger de um outro grupo. Isso seria uma faca de dois gumes, visto que o próprio patriotismo nacional suprime as identidades locais ao mesmo tempo que execra o cosmopolitismo “sem raízes” que trata os nacionalistas do mesmo modo que estes tratavam os provincianos. A identidade, para ele, surgiria em momentos de conflito, já que sua característica é inerentemente conflituosa: “uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado” (BAUMAN, 2005, p 84).

O liberalismo e o comunitarismo, em outras situações opostos excludentes e rivais, dentro do conflito seriam estranhamente complementares, devido ao paradoxal conceito de submeter seus interesses pessoais em prol de sua comunidade de modo a garantir que essa comunidade não seja vitimada por outra que deseja tirar de você seus interesses e aquilo que lhe é caro. As intenções includentes da identidade são complementadas (quicá superadas) por suas intenções excludentes. A exceção seria a “Identidade Humana” idealizada por Kant, mas que fatalmente seria mais frágil que as outras por não ter os mesmos princípios excludentes.

Bauman crê que os próprios movimentos “antiglobalização” ancorados nas identidades locais são uma tentativa não de combater, mas de domar os fenômenos da globalização. Contudo, crendo que não há soluções locais para problemas globais, o autor versa que esse tipo de atitude apenas causa mais cisão e perpetua os problemas. A única esperança, segundo

ele, é de perpetuar as vulnerabilidades de todos ao mesmo tempo em que se garante a segurança de todos, visto que somos todos interdependentes.

Pois, considerando todos os aspectos da teoria da identidade de Bauman (2005), é importante focar na característica moderna da formação do “quebra-cabeça” identitário pelos indivíduos, no declínio do papel do Estado em estabelecer uma nacionalidade coesa, e no fato de que certos indivíduos, principalmente imigrantes e refugiados, possuem identidades impostas a eles por outros.

Entender como funciona a formação dessa imagem dos indivíduos pela sociedade, por sua vez, é o que de fato oferece material de análise para entender o impacto das ideias na política, tratado na seção subsequente. Afinal, é justamente esse conceito, junto ao nacionalismo exacerbado criado como mecanismo de defesa pelos indivíduos que são as “ideias” cujo impacto na política será analisado posteriormente.

2.2 - BEHAVIORISTAS, INSTITUCIONALISTAS, DISCURSIVISTAS E O PAPEL DAS IDEIAS E CRENÇAS NA TOMADA DE DECISÃO DENTRO DA POLÍTICA INTERNACIONAL

A abordagem majoritária da análise da tomada de decisão política, principalmente nos vieses do neo realismo e da teoria dos jogos, foca em um ponto de vista puramente racional e auto-interessado por meio dos tomadores de decisão. Contudo, para Yee (1998) essa abordagem falha ao analisar o processo devido exatamente a esse foco no racionalismo, ignorando o papel desempenhado pelas ideias e crenças na tomada de decisão. Segundo o autor, essa questão se mostra cada vez mais importante devido ao sonante papel desempenhado por novas ou antigas (e renascidas) ideias dentro da política global.

O principal problema ao se realizar esse tipo de análise está na pouca clareza na especificação tanto das políticas afetadas quanto das ideias que as afetam. Uma solução para esse problema estaria na subdivisão de suas etapas dentro do processo da tomada de decisão, assim como idealizado por George (1979), enquanto que para ideias e crenças, é importante diferenciá-las de acordo com seu nível de generalidade e sua presença em entidades sociais politicamente relevantes.

Como analistas políticos tendem a focar apenas em ideias políticas com consequências políticas, baseando-se apenas no que se é diretamente mostrado pelos tomadores de decisões, surge um importante problema: a análise de causa-efeito político não aborda todas as possíveis motivações de uma decisão, sendo as ideias políticas apenas um dos aspectos levados em conta no *policymaking*, já que as ideias e crenças no geral também desempenham seu papel e se correlacionam de forma complexa com os aspectos políticos.

Em concordância com Salmon (1990), Yee defende uma análise que considere não apenas dados estatísticos e experimentação prática, mas que também leve em conta a área mais filosófica da ciência. Segundo o autor, estatísticas não se mostraram, e provavelmente não são capazes de fornecer explicações causais dos eventos. Isso ocorre devido ao fato de que essas mesmas explicações causais necessitam de análise profunda das capacidades, poderes e mecanismos que fazem com que as causas produzam seus efeitos.

Para Little (1991) dizer que um evento causou outro, é assumir a existência de um mecanismo causal conectando a ocorrência do primeiro à ocorrência do segundo. A análise precisamente destes mecanismos causais passa a ser o foco, buscando entender porque X causa Y, ou nas palavras de Marini e Singer (1988), por quais mecanismos X causa Y. Dessler (1991) acrescenta que a explicação causal identifica não somente os mecanismos pelos quais eventos específicos ocorrem, mas também porque eles ocorrem naqueles momentos particulares.

Duas principais críticas surgem (principalmente dos adeptos das associações estatísticas e dos experimentos controlados na análise política) com relação à abordagem behaviorista de análise dos mecanismos causais. A primeira crítica surge dos defensores do modelo de análise experimental de Rubin²¹ que crêem que a definição da causa, mais especificamente do principal efeito causal, é necessária para se definir o status de cada uma das potenciais conexões para o possível mecanismo. Yee descarta essa abordagem salientando que mesmo sem o uso do modelo de Rubin, o funcionamento dos mecanismos causais pode ser (e tem sido) identificado e detalhado por meio de análises empíricas. Ele também argumenta que esse tipo de análise mensura apenas as capacidades de um mecanismo, sendo o mecanismo em si anterior a essas mesmas capacidades.

²¹ Modelo idealizado por Donald B Rubin (1974) e aperfeiçoado por King, Keohane e Verba (1994) que consiste em interpretar cada unidade aleatoriamente selecionada (que seja potencialmente exposta a alguma das causas), então mediar cada um dos potenciais efeitos contrafactuais, por último subtraindo os efeitos médios do processo em si dos efeitos médios do controle, obtendo então o efeito médio causal de algo.

A segunda crítica, também contra argumentada por Yee, parte da assunção do problema do “*Infinite Regress*” ou regresso infinito em tradução livre, que advoga a existência de infinitas etapas causais entre dois links de uma corrente. Yee argumenta que o simples fato da identificação desses mecanismos anteriormente prova a possibilidade dessa análise ser feita sem cair no regresso infinito, já que esse problema impede a identificação dos mecanismo, principalmente porque o problema apenas afetaria o analista que buscasse entender o fenômeno em todos os seus aspectos e possibilidades, o que via de regra não ocorre, com os analistas buscando entender apenas partes específicas do problema, identificando apenas as microentidades e causas intermediárias que fazem sentido ao objetivo da análise e podendo ignorar as outras sem prejuízo ao resultado final.

Portanto, essas análises se complementariam, com os experimentos qualitativos fornecendo informações e dados que posteriormente seriam interpretados de modo explicativo pelos efeitos causais, indicando quais mecanismos tomam parte nas correlações (afinal, esses mecanismos originam-se de instituições e das próprias ideias em si). Por isso pesquisa histórica, entrevista e observação empírica têm papel extremamente relevante na relação entre opinião e política.

Lumsdaine (1993) fez brilhante uso desse tipo de abordagem ao analisar os efeitos da moralidade nas políticas de ajuda internacional ofertadas pelos países. Ele mostrou o intenso papel das instituições (que como já anteriormente citadas, são um dos meios de onde provém os mecanismos que ligam as causas entre eventos) ao analisar o lobby das instituições internacionais por políticas de assistência a seus Estados-membros, ao mesmo tempo em que as ações dos países provedores eram classificadas e objetivadas, sujeitados esses doadores ao escrutínio público com relação ao cumprimento de suas políticas de assistência.

*Institutional Ideation*²² é o nome que se dá a análise das ideias e crenças que afetam a política dos Estados por meio das instituições. Essas instituições afetariam o *policymaking* de três principais formas: por meio de comunidades epistêmicas, de idéias embutidas nas instituições e por último via uma nova análise institucional dos efeitos das ideias na política que incorpora ambas as abordagens anteriores e ainda versa sobre temas além delas.

Comunidades epistêmicas seriam profissionais de reconhecido conhecimento e experiência na área a ser atuada pela política, que difundem ideias de modo a influenciar diversos atores importantes na tomada de decisão; posteriormente esses profissionais

²² Yee, 1996

exerceriam influência ainda mais direta ao assumir posições burocráticas nos governos, institucionalizando essa influência. Contudo, essa abordagem ignora a influência das ideias por si mesmas, indo na contramão do que assumem autores como Hall (1989), além de assumir que as ideias científicas seriam consensuais entre os especialistas e de fato tomadas em consideração no *policymaking*, o que nem sempre ocorre. Outras das críticas são feitas por Haas (1992) que aponta que os membros das comunidades epistêmicas apenas tornam-se fortes autores quando solicitados pelos políticos, que são o que de fato os garante legitimidade e influência. Odell (1988) também aponta à possibilidade de os políticos usarem a ciência seletivamente de modo a legitimar políticas que seriam feitas independentemente do amparo científico.

As ideias embutidas (ou integradas) nas instituições, por sua vez, partem do princípio de que as instituições seriam vetores diretos das ideias presentes nelas. Para Sikkink (1991) ao assumir ideias específicas, as instituições forneceriam suporte organizacional de modo a facilitar a implementação dessas mesmas ideias. Já Goldstein (1993) acrescenta que as instituições não só serviriam como facilitadores como também carregavam em si ideias dominantes que influenciam nos políticos de forma contínua, por um longo período de tempo, afetando os tomadores de decisão por meio da influência prática da causa-efeito, principalmente devido ao quão apelativas essas ideias podem ser. Yee (1996), no entanto, mantém diversas discordâncias a Goldstein e sua abordagem, principalmente com relação ao nível de persuasão dessas ideias, à maneira com a qual se dá essa persuasão e também aos diferentes níveis de influência onde essas ideias atuam, tendendo a concordar de maneira mais contundente com Sikkink, apesar de discordar da abordagem como um todo devido à falta de explicação causal para o estabelecimento dessas ideias nas instituições.

A terceira e mais nova abordagem, referenciada principalmente por Hall (1986, 1989, 1992), aceita as proposições feitas pelas duas primeiras, mas se diferencia delas por focar na influência das ideias não apenas nas decisões políticas finais, mas em todo um processo de formulação de políticas. As instituições influenciam o processo decisório político de várias maneiras: regulando quais ideias alcançam o processo político e em que nível esse impacto ocorre, decidindo o acesso dos tomadores de decisão a essas ideias, além de afetar a viabilidade administrativa (implementação) e política (interesses partidários, por exemplo) dessas ideias após elas terem acesso aos políticos e os políticos a elas. As instituições também teriam papel da duração da influência dessas ideias no processo decisório. Contudo, para Yee

(1996) a principal e única lacuna dessa abordagem (também presente nas outras duas) está na falta de análise sobre as capacidades das ideias por si mesmas, não só como influenciadoras das instituições como mecanismos.

O debate entre behavioristas estatisticamente orientados e os idealistas institucionais peca em ambos os lados por ignorar capacidades das ideias e a maneira *como* essas ideias afetam os cursos de ação. Para Davidson (1963) as razões explicam as atitudes de modo causal. Questões, eventos e estados mentais podem ser a causa do comportamento dos indivíduos. Yee (1996) explica de maneira detalhada como isso ocorre por meio de cinco diferentes maneiras, a serem expostas a seguir.

Vocabulários e regras de linguagem são a primeira delas, já que definem o alcance das declarações e por consequência o alcance de ações provenientes das mesmas. Controlando o que dizer e como dizê-lo, autorizando, restringindo, priorizando e distribuindo as ideias e crenças que os políticos pensam, afetando diretamente o tipo de política que farão. No caso estudado por Lumsdaine²³ por exemplo, o autor crê que a maneira com a qual se falava sobre políticas de assistência internacional favorecia aqueles que adotavam esse tipo de política como assistência básica estrutural, combatendo a pobreza, por exemplo, já que assistência era discursivamente associada a questões da seara humanitária. Discursos então seriam usados para persuadir os ouvintes às ideias propostas pelo falante.

Uma segunda maneira que a linguagem afeta o *policymaking* é por meio da associação de simbolismo aos discursos (e consequentemente às ações), dando narrativas, roteiros, justificativas, etc que adicionam significados que acabam por atuar como mecanismos de controle, tornando ideias imediatamente plausíveis ou praticamente incompreensíveis, na visão de Geertz²⁴.

Se a linguagem e o discurso como um todo são importantes ao oferecer significados às ações, a intersubjetividade e semi causalidade possui claro papel nisso, portanto, a terceira maneira pela qual a linguagem afeta a tomada de decisão política é por meio exatamente da intersubjetividade, tornando as políticas pensadas inteligíveis e oferecendo plausibilidade a elas baseado na experiência da sociedade em si e seus princípios morais, entre outros fatores. Descobrir as intenções e desejos dos atores, entendendo as regras que controlam essas intenções e desejos e por último definindo o esquema que ordena a experiência de modo que

²³ LUMSDAINE, 1993.

²⁴ GEERTZ, 1973.

as práticas, ações e experiências sejam entendíveis. Assim se torna possível entender vários tipos de políticas e o papel das ideias nessas políticas.

Contudo, esse método de análise não é consensual. Alguns especialistas defendem outro tipo de análises enquanto outros tantos criticam os dois tipos. Entretanto, autores como Gibbons (1987), Rosenberg (1988) e Fay (1975) defendem esse tipo de análise não porque crêem que a intersubjetividade semi causal afeta as ações de modo direto, mas sim porque as tornam inteligíveis ou não, aceitáveis ou não, plausíveis ou não, etc.

Outra maneira pela qual a linguagem e a intersubjetividade afeta a *policymaking* é pela via expressivista, que defende a linguagem como elemento constituinte do significado, já que ideias não existem antes da sua expressão feita normalmente em forma de linguagem ou outras formas de mídia, assim como definido por Taylor (1987). Essa corrente também defende que a linguagem e a intersubjetividade existem dependendo uma da outra, e se afetam mutuamente.

Uma última corrente de análise, essa pós-moderna ou pós-estruturalista, concorda com a corrente expressionista anterior enquanto acrescenta a linguagem como elemento definidor de sujeito e objeto, dando a eles identidade social. Outro foco dessa corrente está no uso do discurso em variados papéis, definidos por George (1994): provendo significado a como as pessoas se vêm; definindo da realidade por meio de categorias e assim tornando-a entendível; decidindo por quanto tempo as coisas permanecem significativas; estabelecendo as condições sociolinguísticas onde teoria e prática podem ser usadas; e por último define o que efetivamente não corresponde com a realidade.

Keeley (1990) acrescenta que essas funções do discurso acabam por definir um fenômeno, fornecer base de análise sobre o mesmo e prover guia de ação com relação ao mesmo fenômeno. As críticas a essa abordagem ocorrem por ela não especificar de onde vêm esses discursos, como se formam e como performam suas atividades, além de definir melhor os critérios de avaliação usados em diferentes análises, sendo também notável sua falta de atenção à explicação causal dos fenômenos, contudo pós-modernistas e pós-estruturalistas com frequência ignoram esses problemas ou mesmo negam a causa como objeto de estudo possível.

Em análise geral, fica claro que behavioristas e institucionalistas falham em analisar os mecanismos causais que provém das ideias em si, ao mesmo tempo em que os discursivistas que analisam ideias em si tendem a não focar em seus efeitos causais. A solução para ambas

as formas de análise seria focar naquilo que lhes falta, seja os behavioristas e institucionalistas focando nos efeitos da linguagem simbólica e da intersubjetividade; seja os discursivistas prestando atenção nos efeitos causais e semi causais das ideias e crenças. Contudo, enquanto esse novo tipo de análise não surge, usar ambas as abordagens parece o caminho natural para uma análise mais completa do impacto das ideias nas políticas.

Aqui, os principais conceitos a serem utilizados no terceiro capítulo serão as cinco maneiras sobre como as ideias afetam os cursos de ação (na condição de mecanismos causais): vocabulários e regras de linguagem, associação de simbolismo aos discursos, intersubjetividade, intersubjetividade expressivista e por último pela análise da corrente pós-moderna (ou pós-estruturalista).

Essa análise será feita em cima de discursos do presidente francês Emmanuel Macron, principalmente dois discursos nos quais ele tratou diretamente sobre o tema imigração: o discurso na Ambassador's Week de 2017, e outro realizado na Assembléia das Nações Unidas em 2018.

4. CAPÍTULO III - IDENTIDADE NACIONAL DOS JOGADORES DE FUTEBOL FRANCESES E O IMPACTO DA VISÃO SOBRE POLIPÁTRIDAS NA POLÍTICA DE EMMANUEL MACRON

O presente capítulo terá como tema principal uma análise sobre a diversificação da nacionalidade dos atletas representando a França em mundiais de futebol, tomando como base o período entre 1998 e 2018, justamente os 20 anos entre um e outro título conquistado. Além de aplicar a teoria da identidade de Bauman (2005) dentro desse contexto para compreender como esses indivíduos se vêem na sociedade e como a sociedade os vê.

Após isso, buscar-se-á entender de que modo a imagem que a sociedade possui desses mesmos indivíduos afeta a política dentro do país, analisando o crescimento gradativo do nacionalismo no país e como o fortalecimento desse conceito afeta a política de imigração adotada por Emmanuel Macron.

3.1 - UMA ANÁLISE DA DIVERSIFICAÇÃO DOS ATLETAS DE FUTEBOL FRANCESES EM COPAS DO MUNDO NO PERÍODO ENTRE TÍTULOS E O CONCEITO DE IDENTIDADE DE BAUMAN

“Black, Blanc, Beur”. Negros, brancos e árabes. A própria denominação dada à geração de futebolistas campeões do mundo em 1998 refere à grande diversidade de origens e etnias presente naqueles 23 jogadores que deram a primeira maior glória ao futebol gaulês. Diferentes, mas os mesmos; separados, mas inseparáveis. As palavras de Zygmunt Bauman sobre o verso da Bethoven presente no Hino Europeu parecem fazer jus perfeitamente ao caso francês.

Isso não quer dizer, contudo, que essa integração entre diferentes culturas dentro da mesma nação e do mesmo time de futebol seja fácil e natural. Diversos casos podem exemplificar os atritos presentes nessa integração, como por exemplo o de Zinedine Zidane, um dos maiores jogadores da história do futebol francês e do desporto-rei no geral, que durante sua trajetória na seleção francesa se recusava a cantar o hino nacional devido às referências à luta contra outros povos, incluindo os das antigas colônias, como a Argélia, de onde descende o jogador.

No próprio ano de 1998, o influente político francês Jean-Marie Le Pen, presidente honorário da Frente Nacional, maior partido de extrema-direita da França, teceu diversas críticas ao time que sagrou a França campeã, declarando que aquela seleção era artificial e exigiu que jogadores negros ou árabes não fossem convocados a defender a seleção. Previamente, Le Pen já havia declarado anteriormente que a seleção francesa estaria “cheia de falsos franceses que não cantam a Marselhesa.”²⁵, o que havia motivado protestos de Christian Karembeu, outro jogador campeão em 1998, que deixou de cantar o hino a partir das declarações do político.

Le Pen sempre foi um grande crítico da miscigenação presente nos atletas franceses, tendo voltado à tecer fortes críticas no ano de 2006, ao declarar que o povo francês não se sentia identificado com a seleção devido à presença de muitos jogadores “de cor” e que o treinador deveria passar a ser mais “cuidadoso” ao chamar ao time nacional esses atletas²⁶. Le Pen na mesma declaração criticou a atitude do goleiro Fabien Barthez, que segundo ele mesmo sendo “francês” não cantava o hino nacional e deveria ser expulso da seleção por isso. O político foi duramente rebatido pelo atleta Lilian Thuram, declarando que "diga ao senhor Le Pen que temos orgulho de ser franceses e que amamos a França. A França de verdade"²⁷.

Anteriormente a isso, quando Jean-Marie Le Pen concorreu à presidência da França em 2002, alguns atletas ameaçaram abandonar a seleção nacional caso o político fosse eleito presidente. O jogador francês de origens portuguesas, Robert Pirès fez as seguintes declarações à BBC²⁸:

É claro que não queremos que isso aconteça, mas se a extrema direita vencer eu acho que vários jogadores franceses vão se recusar a participar da Copa [...] Nós somos todos franceses, mas as raízes dos jogadores são de toda parte. Assim, seria impossível defender um país governado pela extrema direita. (PIRÈS, 2002)

Outro atleta criticado pelo líder da extrema-direita nacionalista foi Karim Benzema, jogador que por anos era considerado o melhor jogador francês em atividade, mas se recusava a cantar o hino tal qual Zidane o fez antes dele. A polêmica surgiu com força no mundial de

²⁵Disponível em

<https://www.la-croix.com/Archives/1996-06-25/Pour-Le-Pen-l-equipe-de-France-de-foot-n-est-pas-francaise-NP_-1996-06-25-377656> acesso em 14 nov. 2018.

²⁶ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u104593.shtml>> acesso em 14 nov, 2018

²⁷ Disponível em <<http://copa.esporte.uol.com.br/copa/2006/ultnot/franca/2006/06/29/ult3646u180.jhtm>> acesso em 14 nov, 2018

²⁸ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/copadomundo/020503_piresrg.shtml> acesso em 14 nov, 2018

2010 e se estendeu até o mundial posterior em 2014²⁹. Benzema sofreu diversos ataques verbais públicos e exigências de expulsão da seleção, sendo as principais delas por parte de Jean-Marie Le Pen. O atacante viria posteriormente a ser expulso da seleção devido à uma polêmica criminal de chantagem com o companheiro Mathieu Valbuena, mas declarou à imprensa que a principal razão de sua expulsão seria justamente a xenofobia.

O jornalista Eugenio Goussinsky, do Portal R7 também cita outros exemplos de jogadores que tiveram episódios envolvendo a questão nacional no futebol francês:

As questões sociais e de identidade, aliadas a uma tendência libertária da população francesa, cerne da concepção moderna de direitos humanos, fizeram do futebol mais um palco de reivindicações contra o sistema. As rusgas, portanto, vêm de longe. Em 1958, os jogadores Rachid Mekhloufi e Ben Barak, de origem argelina, se recusaram a vestir a camisa francesa na Copa do Mundo de 1958. O único da região que aceitou a convocação foi o atacante Just Fontaine, apesar de também discordar das diretrizes do regime. (GOUSSINSKY, 2015 s/p)

Portanto jogadores de origens diferentes sempre estiveram presentes na história da seleção francesa. Se na primeira copa do mundo houveram jogadores nascidos na Argélia filhos de colonos, com o tempo essas origens se diversificaram ainda mais. Para entender o quanto o fenômeno da imigração e das origens afetou a história da seleção gaulesa, o presente trabalho se propôs a analisar quantitativamente a questão da nacionalidade dos convocados da França às copas do mundo, usando como período temporal o ano do primeiro título francês, 1998, até o mundial de 2014, imediatamente anterior ao título conquistado em 2018 cujas origens dos atletas já foram previamente analisadas no primeiro capítulo deste trabalho.

Os dados pessoais dos atletas foram retirados do maior portal online de dados sobre futebol, o Transfermarkt, enquanto as informações sobre que atletas estavam presentes em que mundiais foram retirados diretamente do site oficial da FIFA. O objetivo da análise é o de verificar o número de jogadores com diferentes origens e etnias dentro da seleção francesa ao longo dos anos, e se houve um aumento ou diminuição dessa diversificação.

Para a análise a seguir foram consideradas apenas as nacionalidades que os atletas possuem factualmente, desconsiderando as outras que eles poderiam optar por obter (portanto jogadores como Antoine Griezmann, de ascendência portuguesa e alemã, não tiveram essa

²⁹ Disponível em

<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/06/por-que-benzema-nao-canta-o-hino-da-franca.html>> acesso em 14 nov, 2018

ascendência contabilizada para fins práticos). Também foram considerados os territórios ultramarinos e áreas administrativas francesas como diferentes origens para os atletas.

Tabela 1 - Origem e Etnia dos jogadores Franceses em mundiais 1998-2014

Mundial	Atletas com outras nacionalidades	Atletas de Etnias não-brancas**	Atletas de Etnia não-branca com outra nacionalidade	Atletas de Etnia branca
1998*	12 (54.5%)	8 (36.3%)	8 (100%)	14 (63.6%)
2002	13 (56.5%)	10 (43.4%)	10 (100%)	13 (56.5%)
2006	17 (73.9%)	16 (69.5%)	16 (100%)	7 (30.4%)
2010	13 (56.5%)	13 (56.5%)	13 (100%)	10 (43.4%)
2014	11 (47.8%)	11 (47.8%)	10 (90.9%)	12 (52.1%)

Fonte: ANDRADE, Rodrigo (2018), elaboração do autor com base em transfermrkt.com e fifa.com

*O mundial de 1998 é o único analisado onde o total de atletas foi 22, todos os outros tiveram 23 atletas.

**Negros, Árabes e Hindus

A Tabela 1 demonstra algumas coisas sobre a nacionalidade dos jogadores: após o título mundial de 1998 que consagrou a geração “black-blanc-beur” e a diversidade, a porcentagem de atletas com outras nacionalidades e etnias cresceu significativamente nas convocações subsequentes, tendo seu ápice em 2006 com a geração que levou a França até a final e foi vice campeã frente à Itália.

Após isso houve um gradual declínio em 2010 e 2014, curiosamente após o traumático vice-campeonato onde o franco-argelino Zinedine Zidane foi expulso na final ao agredir o zagueiro italiano Marco Materazzi. Esse declínio também é posterior às declarações de Jean-Marie Le Pen sobre o povo francês não se sentir mais representado pela diversidade dos jogadores na seleção nacional. Além de que durante esse período, mais precisamente em 2011, veio à tona uma notícia que acusava o técnico Laurent Blanc e a Federação Francesa de Futebol de limitar a quantidade de negros e árabes nas seleções de base da França³⁰.

³⁰ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/04/110429_futebol_franca_racial_rp> acesso em 14 nov, 2018

Outro importante dado que pode ser analisado na Tabela 1 é o fato de que, via de regra, todos os jogadores de etnia não-branca possuem nacionalidades além da Francesa. O único caso divergente no período de tempo analisado ocorreu em 2014 com o jogador Loic Rémy, que era negro e possuía apenas a nacionalidade francesa. No mais, todo jogador negro, árabe ou hindu tinha origens e nacionalidades em outros países que não apenas a França. Esse fato conecta de modo diretamente as questões de imigração às questões raciais.

Dentro dos conceitos de identidade apresentados por Bauman (2005), a França dentro da polêmica racial e de imigração seria uma comunidade “de destino” visto que a massiva presença de imigrantes e seus descendentes, e principalmente sua exclusão social e econômica impede que a comunidade possua uma unidade e conexão necessária à existência de uma comunidade “de vida”.

Portanto, por fazerem parte de uma comunidade “de destino” a presença de questionamento identitários seria inevitável aos indivíduos dessa comunidade. A questão da identidade surge precisamente quando o pertencimento é posto em causa, e que grupo de indivíduos tem seu pertencimento tão frequentemente posto em causa do que imigrantes e seus descendentes?

Bauman (2005) também diz que os indivíduos atuais acabam por estar expostos à mais de uma comunidade “de destino” e cada indivíduo tem consigo mais de uma comunidade à qual pertence. Outro paralelo que pode ser traçado aos imigrantes e descendentes (a partir daqui chamados apenas de imigrantes) e suas fortes raízes e ligações com seus países originários além da França.

O autor crê que a Identidade Nacional seria imposta aos indivíduos pelo Estado. Contudo, os indivíduos polipátridas por definição não pertencem a um único Estado, e portanto a criação de uma Identidade Nacional fundamentalmente excludente e a demanda por sua manutenção a todo custo não surtem o mesmo efeito a esses indivíduos. A contínua renovação do plebiscito diário não é igual para o indivíduo que possui diversos plebiscitos. A escolha custosa acaba por ser ainda mais custosa nesses casos.

Os indivíduos com mais de uma nacionalidade além disso sofrem outro efeito colateral da criação identitária do Estado: A construção baseada no “nós” contra “eles” faz com que mesmo o indivíduo que se decide por fazer parte do “nós” seja com frequência tratado como “eles” por outros membros da sociedade. A criação e manutenção de uma identidade seguem

como trabalho quase exclusivo dos indivíduos, mas os polipátridas acabam por sofrer ainda mais pressões do que outros cidadãos na construção e manutenção de suas identidades.

Contudo, dentro de todos os aspectos da teoria de Zygmunt Bauman (2005), aquele que melhor define a condição de imigrantes e seus descendentes é a condição de indivíduos não privilegiados que não podem escolher suas próprias identidades, ao mesmo tempo em que têm identidades impostas a eles por outros, normalmente com espectro negativo. Identidades que normalmente são evitadas por esses indivíduos, mas que são impostas a eles de modo degradante. Um grande exemplo disso está ao taxar imigrantes de não-franceses, pessoas nascidas e criadas em território francês que se vêm como franceses de fato. Esses indivíduos, mesmo aqueles nascidos e criados em território francês, he teriam uma identidade imposta (a de imigrantes) e outra negada (a de franceses).

Bauman (2005) cita refugiados como membros de uma classe ainda inferior, pois, enquanto os imigrantes (no caso apresentado) teriam sua identidade e individualidade negada, os refugiados sequer teriam essa individualidade existente para ser negada.

Em um mundo onde a sociedade já não garante as mesmas âncoras sociais de antes, o nacionalismo surge como uma tentativa dos cidadãos de criar uma comunidade e conseguir alguma estabilidade por meio da culpabilização da sociedade e da exclusão de outros indivíduos, chegando até ao nível da violência que torna os indivíduos diferentes gritantemente diferentes de modo a tentar reforçar seu senso de comunidade isonômica. Bauman cita a identidade nacionalista como algo defensivo, que buscaria primariamente se defender de um outro grupo, seja existente ou criado. Ela surgiria em momentos de conflito (No caso da França, no pós guerras da independência das colônias e nos conflitos causados pela imigração, principalmente africana) devido à sua característica puramente conflituosa de “devorar para não ser devorado”, o que encaixa justamente com o argumento de que imigrantes estariam tirando privilégios (como o de jogar pela seleção nacional de futebol) das pessoas da comunidade.

Portanto, pode-se concluir que as exacerbadas críticas e conflitos com os jogadores franceses de diferentes origens se dá pela falta de confiança no poder aglutinador da sociedade, criando nacionalismos excludentes de modo a criar uma imagem de um grupo diferente ameaçando o grupo atual (nós, os franceses contra eles, os imigrantes), que ameaça seus direitos (o direito de jogar pela seleção nacional, ou o direito de representar o país em eventos mundialmente populares), sendo com frequência tratado com violência (pedidos de

exclusão da seleção, política de limitação de negros e árabes, etc) de modo a diferenciá-los ainda mais.

Contudo seriam essas ideias, de grande adesão e repercussão, inclusive políticas, capazes de afetar a política francesa? Os discursos oficiais do atual presidente, Emmanuel Macron, que citam as questões da imigração seriam afetados por essas ideias, podem oferecer um caminho dentro dessa análise, ao se verificar a maneira com a qual o atual presidente da República Francesa trata a questão da imigração, e relacionar o discurso com a prática dessas políticas de fato.

3.2 - O IMPACTO DA VISÃO SOCIAL SOBRE REFUGIADOS, IMIGRANTES E SEUS DESCENDENTES NA POLÍTICA DA FRANÇA DE EMMANUEL MACRON

Como anteriormente abordado, o nacionalismo é um fenômeno que tende a surgir com força em tempos atuais devido à seu forte apelo aglutinador e ao mesmo tempo excludente. Na Europa, historicamente foco mundial de migrações por diversos motivos, a extrema-direita, assim como historicamente tem feito, assumiu a pauta nacionalista para si, indo contra as ideologias mais abertas à imigração e a integração socioeconômica dos partidos de esquerda e a tendência à pró-globalização evidenciada pela direita liberal.

Esse nacionalismo tende a ser ainda mais exacerbado devido ao fato de o continente Europeu, assim como grande parte do mundo globalizado, viver na contemporaneidade os efeitos de uma fortíssima crise migratória vinda do oriente médio e do norte africano. Segundo dados de Laurence Peter, da BBC³¹, em 2015, ano do pico da crise migratória, o maior número de imigrantes era provindo da Síria devido à violenta guerra civil acontecida no país desde 2011. O segundo lugar era dividido entre pessoas do Afeganistão e da Eritreia, que fugiam de seus países devido à violação de direitos humanos. Outros países com forte número de imigrantes eram Nigéria e Kosovo.

A crise, que teve seu auge em 2015 e atualmente tem seu fluxo de imigrantes bastante reduzido, foi o estopim para o fortalecimento político do nacionalismo de extrema-direita em toda Europa, acompanhado das indefinições ainda presentes no continente sobre as responsabilidades de cada país no acolhimento desses refugiados. Contudo, o discurso nacionalista anti-imigração segue fortalecido em solo europeu, com partidos de

³¹ PETER, 2015

extrema-direita voltando a ser politicamente relevantes de um modo que não ocorria há tempos, obtendo eleições e reeleições com frequência, além de constituindo oposição a ser fortemente considerada nos países onde não venceram.

Contudo, esse discurso anti-imigração segue ganhando força justamente em um momento onde o fluxo migratório vem diminuindo e encontra-se em números mais próximos do período pré-crise do que do auge em 2015. Para Matteo Villa, especialista em imigração do Instituto Italiano de Estudos Políticos Internacionais, a crise atual é inventada, criada pelos partidos nacionalistas de modo a manterem-se em evidência³²,

Na França, o principal partido a representar a extrema direita atende pelo nome de Frente Nacional. Um dos nomes mais fortes e criador do partido - do qual viria a ser expulso em 2015, Jean-Marie Le Pen, sempre foi um grande crítico da diversidade presente na Seleção Nacional de Futebol da França, mesmo em tempos onde a crise migratória na Europa era algo inimaginável. A Frente Nacional, já em 2012, quando os primeiros sinais do que viria a ser a crise migratória já eram perceptíveis, obteve 18% dos votos na eleição presidencial tendo como candidata a filha de Jean-Marie Le Pen, Marine Le Pen, que alcançou terceiro lugar declarando-se abertamente anti-imigração³³ e prometendo reduzir em 95% o fluxo migratório na França³⁴.

A eleição de 2012 seria vencida pelo Partido Socialista de François Hollande, mas que viu o partido de direita UMP, daquele que à época era o atual presidente, Nicolas Sarkozy, ir ao segundo turno adotando um discurso nacionalista anti-imigração bastante pronunciado, tendo prometido diminuir a imigração na França pela metade³⁵.

Já em 2014, a Frente Nacional obteve a maioria dos deputados eleitos para o Parlamento Europeu, com 24 entre 72 possíveis. O que torna esse dado ainda mais relevante é o fato de que a Frente Nacional é um partido declarada e deliberadamente anti-União

³² Disponível em

<<https://internacional.estadao.com.br/noticias/nytiw,crise-de-imigracao-na-europa-ja-passou-mas-xenofobia-continua,70002393322>> acesso em 16 nov, 2018

³³ Disponível em

<<https://oglobo.globo.com/mundo/sou-anti-imigracao-sim-diz-marine-le-pen-em-seu-1-discurso-4293895>> acesso em 16 nov, 2018

³⁴ Disponível em

<https://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/04/26/sarkozy-le-pen-ce-qui-rapproche-leurs-programmes-ce-qui-les-separe_1691796_1471069.html> acesso em 16 nov, 2018

³⁵ Disponível em

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/05/o-socialista-francois-hollande-e-eleito-presidente-da-franca.html>> acesso em 16 nov, 2018

Europeia e anti-Euro, além do fato de que a França foi o único país da UE a ter posto em primeiro lugar no parlamento justamente um partido anti-UE³⁶.

Os crescentes resultados da Frente Nacional casavam com a opinião pública na França com relação à imigração. Em 2015, a França foi o país da Europa Ocidental onde os cidadãos eram mais contrários a receber refugiados, segundo pesquisa realizada pelo Instituto Francês de Opinião Pública³⁷. O mesmo estudo também mostrou outros dados referentes à opinião da sociedade Francesa sobre a questão: 29% dos Franceses viam como solução para a imigração o investimento nos países dos quais vinham os refugiados, enquanto 30% via o reforço das fronteiras como a melhor alternativa. Apenas 12% dos franceses se mostraram favoráveis às políticas de acolhimento de refugiados, enquanto 69% mostraram preocupação com a possibilidade de haverem terroristas entrando no país junto a esses refugiados.

Essa opinião contribuiu para que em 2017 a mesma Marie Le Pen alcançasse resultados ainda mais expressivos nas eleições. Com uma visão ainda mais anti-imigração, Le Pen prometeu não só reduzir como acabar com toda a imigração no país³⁸. A candidata da Frente Nacional obteve mais de 20% dos votos no primeiro turno, e disputou o segundo contra o candidato Emmanuel Macron, social liberal do então recém fundado partido *En Marche!*.

Macron acabaria por ser eleito o presidente mais jovem da história da França, aos 39 anos, adotando um discurso neutro em quase todas as questões delicadas e não se declarando nem de esquerda nem de direita, o candidato do *En Marche!* foi eleito no início de 2017 com 66% dos votos, em uma eleição de abstenção histórica de eleitores³⁹. Na primeira Ambassador's Week⁴⁰ realizada após sua posse como presidente, Emmanuel Macron usou de seu discurso para falar sobre a questão da imigração, tendo reafirmado o compromisso em

³⁶ Disponível em

<<https://www.publico.pt/2015/03/29/mundo/opiniaio/franca-o-grande-problema-da-europa-1690695>> acesso em 16 nov, 2018

³⁷ Disponível em

<<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/el-pais/2015/10/30/franceses-sao-os-mais-contrarios-na-europa-ocidental-a-receber-refugiados-aponta-pesquisa.htm>> acesso em 16 nov, 2018

³⁸ Disponível em

<<https://veja.abril.com.br/mundo/marine-le-pen-promete-suspender-toda-a-imigracao-na-franca/>> acesso em 16 nov, 2018

³⁹ Disponível em

<<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/05/07/macron-e-novo-presidente-da-franca-le-pen-fala-em-transformacao-politica.htm>> acesso em 16 nov, 2018.

⁴⁰ Reunião realizada anualmente com todos os chefes de missões diplomáticas franceses ao redor do mundo de modo a estabelecer as prioridades da diplomacia do país.

receber refugiados como um dever humano e uma questão de dignidade. Ao mesmo tempo em que fez questão de diferenciar refugiados de imigrantes econômicos, e anunciou um plano em parceria a diversos países europeus e a própria UE, que visava identificar os refugiados em situação mais vulnerável e assim melhorar a eficiência ao garantir asilo. Esse mesmo plano também foi anunciado como uma maneira de devolver refugiados provenientes da Nigéria e Chade de volta a seus países de origem⁴¹.

Aqui, é possível observar com clareza um exemplo de como questões afetam o comportamento do indivíduo, assim como previamente explicado no segundo capítulo do trabalho. O vocabulário utilizado por Emmanuel Macron ao separar refugiados e imigrantes econômicos, faz com que o tratamento diferente entre esses dois tipos de pessoas seja algo a ser feito de forma natural. O vocabulário usado, por si só, já oferece legitimação à negação de visto a refugiados de países pobres, já que pelo discurso adotado nem sequer refugiados eles seriam, além de ter fugido por razões econômicas, o que dentro de uma sociedade de nacionalismo crescente não é bem visto. Para Yee (1996), esse uso de vocabulário por parte do presidente francês se aplicaria justamente na primeira forma pela qual a linguagem afeta a política, por meio de vocabulários e regras de linguagem.

Além disso, a aplicação do simbolismo e das narrativas justificando as ações fazem com que “enviar refugiados de volta a seus países de origem” tenha um peso diferente do que se Macron simplesmente declarasse que negaria asilo a esses mesmos refugiados. Mudar a maneira de se dizer algo, conferindo um aspecto totalmente diferente ao que é dito. Macron não declarou que negaria asilo a nenhuma pessoa, mas sim que enviaria essas pessoas de volta à sua casa, sua origem. Um discurso muito mais palatável e gentil, que se aplica com perfeição na segunda forma pela qual Albert S Yee (1996), a dos simbolismos e narrativas.

Por último, a intersubjetividade também tem papel preponderante, já que o discurso de Macron tanto reafirma o compromisso de acolher refugiados agradando aqueles favoráveis a isso, quanto limita esse mesmo compromisso agradando também aos anti-imigração. Aqui, Macron entende perfeitamente o desejo de boa parte da sociedade em acolher os imigrantes, e por isso declara com todas as palavras seu desejo em acolhê-los, enquanto sabe que outra parte da sociedade reivindica com força a não aceitação desses indivíduos, e portanto adota na prática medidas bastante mais cautelosas e austeras.

⁴¹ FRANÇA..., 2018

Contudo, já no início do governo, a política sobre imigração adotada pelo presidente eleito sofreu duras críticas. Um projeto proposto pelo ministro do interior Gérard Collomb pretendia entre outras coisas, aumentar o período de retenção de estrangeiros sob risco de expulsão de 45 para 90 dias, o que daria o dobro de tempo ao governo para expulsar refugiados, conferindo por consequência o dobro de tempo de instabilidade do próprio refugiado em território Francês. Além disso, o projeto previa à França recusa de asilo a pessoas que tivessem possibilidade de serem enviadas a outro país⁴². O texto, que também versava sobre diminuir o tempo de análise de 14 para 6 meses aos pedidos de asilo e o tempo de recorrência de 30 para 15 dias, sofreu fortes protestos na França⁴³.

Macron, no mesmo período recebeu críticas pelo seu modo muitas vezes ríspido e condescendente ao tratar com a população, no que ficou conhecido como macronsplaining, no que seria uma adaptação de discurso de modo a torná-lo mais impactante e inteligível ao público-alvo. Esse modo de agir teve seus episódios mais polêmicos quando o presidente da França disse a uma imigrante marroquina que ela deveria voltar à seu país, visto que ela não corria perigo lá e que a França não podia acolher a todos que desejavam asilo no país⁴⁴, e quando ele - sem notar que estava sendo filmado - fez uma piada sobre o fato de que as canoas kwassa-kwassa usadas na pesca eram principalmente usadas para transportar cidadãos de Comores (uma ex-colônia francesa com constante fluxo de refugiados para territórios franceses)⁴⁵.

O discurso ríspido de Macron também se conjuga com a supracitada prática de realizar declarações ambíguas, reforçando compromissos e ideais para, algumas palavras depois, declarar práticas que não necessariamente coincidem com esses mesmos compromissos. Pablo Ceriani Cernadas, ex-vice-presidente do Comitê das Nações Unidas para a Proteção dos

⁴² Disponível em:

<<http://br.rfi.fr/franca/20171225-politica-migratoria-de-macron-levanta-fortes-criticas-na-franca>> acesso em 16 nov, 2018

⁴³ Disponível em

<<http://br.rfi.fr/franca/20180221-nova-lei-de-imigracao-e-asilo-de-macron-gera-protestos-na-franca>> acesso em 16 nov, 2018

⁴⁴ Disponível em:

<<https://www.morocoworldnews.com/2017/11/234513/emmanuel-macron-moroccan-woman/>> acesso em 28 nov, 2018.

⁴⁵ Disponível em

<<https://www.express.co.uk/news/world/813815/France-Emmanuel-Macron-diplomatic-row-Comoros-over-hurt-ful-joke>> acesso em 16 nov, 2018

Direitos dos Trabalhadores/as Migrantes e suas Famílias, declarou que o presidente da França utiliza de eufemismos para justificar certas práticas⁴⁶:

Por meio desses eufemismos são elaboradas formas discursivas com determinados objetivos político-comunicacionais, os quais geram consequências em pelo menos dois planos: primeiro, em legitimar determinado enfoque da política migratória, geralmente com viés de segurança; e segundo, consequentemente, em afetar direitos e garantias de pessoas que migram ou tentam migrar (CERNADAS, 2018 s/p)

Esse discurso ambíguo reforça a mensagem que o próprio Macron tentou passar durante sua campanha: a de nova política, nem de esquerda nem de direita, com visões moderadas. Para o cientista político Dominique Reynié, a própria maneira ríspida de lidar com os assuntos nacionais é uma forma de Macron atender à uma demanda social por um certo autoritarismo e formalidade, após um período com dois presidentes onde se via certa falta de rigor e respeito aos protocolos (curiosamente nenhum dos dois reeleito)⁴⁷.

A política de Macron sobre imigração também pode ser observada com ambiguidade, já que teve claro objetivo midiático ao conceder a cidadania Francesa ao imigrante ilegal maliano Mamodou Gassama, que ficou famoso na mídia após salvar um garotinho prestes a cair de um prédio⁴⁸, ao mesmo tempo em que no primeiro ano de seu governo a França expulsou 26.000 pessoas, 14% a mais que no ano anterior, ao mesmo tempo em que o número de imigrantes rechaçados na fronteira também cresceu 34%⁴⁹.

Essa ambiguidade na política de imigração fez com que ela sofresse críticas tanto da oposição de esquerda quanto da direita, onde uns a chamaram de desumana enquanto outros a viam como um meio de legalização de imigrantes ilegais, sendo portanto ruim para o país. A verdade é que essa política recebeu elogios do contestado presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, devido à “autoridade” ao lidar com a questão⁵⁰.

⁴⁶ Disponível em

<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/17/%E2%80%98Refugiado%E2%80%99-e-%E2%80%98imigrante%E2%80%99-como-Macron-usa-esses-2-termos-em-seu-favor>> acesso em 16 nov, 2018

⁴⁷ Disponível em

<<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/02/24/Todos-querem-ser-Macron.-Mas-quem-%C3%A9-Macron>> acesso em 16 nov, 2018

⁴⁸ Disponível em <<https://www.bbc.com/news/world-europe-45507663>> acesso em 16 nov, 2018

⁴⁹ Disponível em

<<http://www.esquerdadiario.com.br/Macron-o-presidente-que-expulsa-imigrantes-mas-comemora-seus-gols>> acesso em 16 nov, 2018

⁵⁰ Disponível em

<<https://exame.abril.com.br/mundo/trump-sauda-luta-de-macron-contra-imigracao-descontrolada/>> acesso em 16 nov, 2018

Outra questão advinda da retórica ambígua do presidente francês sobre imigração causou tensão diplomática, quando o navio Aquarius, cheio de imigrantes buscando asilo, tentava ancorar em algum porto na Europa. A França, além de não ter oferecido ajuda prática além da retórica, criticou a Itália por não acolher os mais de 600 imigrantes do navio, o que motivou a convocação do embaixador francês em Roma à discutir a questão junto ao Ministério de Relações Exteriores da Itália⁵¹.

Em meio à tantas tensões com relação à imigração, o futebol poderia ser justamente o elemento a trazer mais estabilidade à sociedade, principalmente com uma geração de jogadores onde a esmagadora maioria era filho de imigrantes, ao mesmo tempo em que quase todos foram nascidos e criados na França. A ideia era de que um vindouro título mundial em 2018 poderia ter um efeito similar ou superior ao título da geração “black-blanc-beur” conquistado exatamente 20 anos antes.

De acordo com o sociólogo especialista em torcidas de futebol, Nicolas Hourcade, da Universidade de Lyon, em 1998 houve um exagero ao se interpretar o título mundial como símbolo de uma união nacional absoluta. Em entrevista à BBC⁵² pouco antes da final que confirmaria o título em 2018 o sociólogo declarou que os efeitos seriam bastante diferentes:

Há (hoje) menos ilusão em relação a isso. Não é porque a seleção ganha a Copa do Mundo que milagrosamente todas as divisões entre os franceses vão desaparecer. Hoje, há uma posição mais reservada e as pessoas não dizem mais que se a França vencer no domingo o país estará reunido e todo mundo vai se amar [...] As pessoas não se enganam. Elas querem compartilhar um momento comum, mas sabem que há tensões relacionadas à identidade francesa e também sociais [...] A eventual vitória no domingo não será suficiente para vencer as resistências dos que não acreditam no multiculturalismo. (HOURCADE, 2018 s/p)

A visão de Hourcade é compartilhada pelo também sociólogo e especialista em esporte William Gasparini, professor da Universidade de Estrasburgo, que em entrevista ao mesmo portal declarou os seguinte⁵³:

Foi uma ilusão. O futebol não substitui verdadeiras políticas de integração, de desmantelamento de guetos nas periferias, de programas de empregos para jovens e de melhor desempenho escolar [...] Agora, fala-se mais no aspecto coletivo do time em vez de destacar o caráter étnico para evitar acentuar as fraturas que existem nas

⁵¹ Disponível em

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/italia-convoca-embaixador-da-franca-apos-macron-criticar-cinismo-de-rom-a-sobre-imigrantes.ghtml>> acesso em 16 nov, 2018

⁵² Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44829006>> acesso em 16 nov, 2018

⁵³ Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44829006>> acesso em 16 nov, 2018

periferias. Uma parte da sociedade é incapaz de lidar com o problema do desemprego e dos imigrantes (GASPARINI, 2018 s/p)

Contudo, houve discordância dos próprios atletas quanto à esse tipo de visão. Hugo Lloris, capitão do time campeão em 2018 declarou após o título a importância do futebol nestes momentos e que de fato houve uma união social devido à vitória⁵⁴:

Esse sucesso não é apenas de um simples esporte [...] O futebol tem um poder enorme sobre a sociedade [...] É difícil ainda de entender o que ainda pode ocorrer em termos de impacto (pela conquista da Copa). Mas vimos um pouco do que isso pode ser capaz de acontecer quando, depois do jogo contra a Bélgica, um povo todo se uniu [...] Foi incrível ver um povo unido atrás de um símbolo, de uma bandeira, que era a da França. (LLORIS, 2018 s/p)

O fato é que, um impacto visto em 1998 que não se repetiu em 2018 após o título mundial foi a questão da popularidade do presidente. Se em 1998 a popularidade do presidente Jacques Chirac subiu cerca de 14 pontos no período subsequente à copa, em 2018 a popularidade de Macron, que já vinha em constante queda, seguiu caindo no período pós-copa, apesar dos níveis de confiança nacional terem sofrido um acréscimo⁵⁵.

Essa queda de popularidade, além de surpreendente por si só, chega a ser mais surpreendente depois da atitude do Presidente após a final da copa, que quebrou todos os protocolos ao comemorar efusivamente os gols de sua seleção, ir comemorar junto aos jogadores após o título e inclusive beijar a taça e os jogadores⁵⁶. Esse tipo de comportamento deveria subir a popularidade de qualquer líder político, contudo, as tensões com relação à política de imigração e a própria quebra de comportamento do presidente, normalmente mais sério e ríspido, podem ter sido chaves nessa “não-influência”.

Mesmo a atitude de oferecer a todos os jogadores campeões mundiais a Legião de Honra, assim como feito com os primeiros campeões⁵⁷ não surtiu efeito positivo, com a

⁵⁴ Disponível em

<<https://www.mtmais.com/2018/07/17/para-lloris-conquista-da-franca-tera-um-impacto-forte-na-sociedade-esportes/>> acesso em 16 nov, 2018

⁵⁵ Disponível em

<<https://exame.abril.com.br/mundo/titulo-mundial-deixa-franceses-otimistas-mas-nao-em-relacao-a-macron/>> acesso em 16 nov, 2018

⁵⁶ Disponível em

<<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,apos-beijar-mbappe-griezmann-e-ate-taca-macron-diz-obrigado-a-selecao-francesa,70002403238>> acesso em 16 nov, 2018

⁵⁷ Disponível em

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/jogadores-da-selecao-francesa-de-futebol-serao-condecorados-com-a-legiao-de-honra.ghtml>> acesso em 28 nov, 2018

popularidade de Macron atingindo o nível mais baixo desde a posse em setembro de 2018, quando apenas 29% dos cidadãos avaliando seu governo como positivo⁵⁸. Essa baixa popularidade pode ser atribuída ao fato de que o discurso moldado especialmente para agradar todos os lados acabou por não agradar nenhum, com a extrema-direita se sentindo insatisfeita devido à política de imigração não ser ainda mais dura, enquanto a oposição de esquerda achava essa mesma política dura demais.

Se houve algum impacto positivo da campanha multicultural da Seleção Francesa na Copa do Mundo de 2018, foi uma medida histórica tomada pelo Conselho Constitucional Francês, que em julho de 2018 deixou de criminalizar a ajuda desinteressada à imigrantes ilegais no país, respeitando assim o princípio da fraternidade presente em seus valores jurídicos⁵⁹. Anteriormente, em abril de 2018 o presidente Emmanuel Macron já havia proposto ao Parlamento Europeu um projeto não só de acolhimento, mas de integração dos refugiados⁶⁰, que contudo, não viu medidas práticas seguirem ao discurso.

Em termos oficiais, em seu discurso à Assembléia Geral das Nações Unidas, o presidente acabou por manter sua postura discursiva de neutralidade ao declarar que não acreditava na viabilidade da abertura incondicional nem tampouco no discurso de que “eles” iriam tornar-se mais fortes ao receber abrigo na Europa. Aqui é possível observar com clareza mais uma vez a presença da intersubjetividade afetando a política, conceito dado por Yee (1996). Macron sabia que era o líder de uma sociedade extremamente dividida, onde haviam atores a serem agradados de ambos os lados, e por isso, entendendo-os e tornando suas políticas plausíveis e entendíveis a ambos os lados.

No mesmo discurso, ao frisar que as soluções para os problemas de imigração passariam por manter um fluxo controlado de pessoas de modo que não fosse imposto aos Estados, desmontar as redes de tráfico de pessoas e principalmente proteger as fronteiras nacionais sem desrespeitar as leis internacionais⁶¹, Macron torna sua política extremamente clara e inteligível, usando de um discurso com vocabulário neutro para dizer como deseja que

⁵⁸ Disponível em

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/09/23/emmanuel-macron-atinge-nivel-mais-baixo-de-popularidade-desde-a-posse.ghtml>> acesso em 16 nov, 2018

⁵⁹ Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/mundo/franca-deixara-de-punir-quem-abrigar-imigrantes-em-situacao-irregular-22858274>> acesso em 16 nov, 2018

⁶⁰ Disponível em

<<https://migramundo.com/macron-propoe-programa-europeu-para-acolher-e-integrar-refugiados/>> acesso em 16 nov, 2018

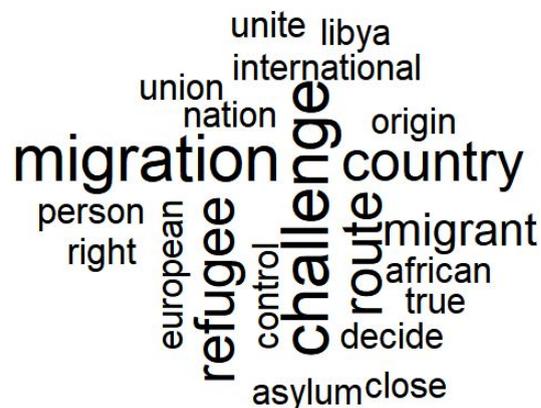
⁶¹ FRANÇA..., 2018

a política seja feita. Ao declarar o desejo de manter um fluxo controlado não imposto aos Estados, o presidente reafirma o desejo pela execução da soberania de seu país no assunto livre das imposições da União Europeia; Ao declarar a priorização pela quebra das redes de tráfico de pessoas, ele na verdade assume seu empenho em diminuir o fluxo de solicitação de asilos; E quando diz que os países devem proteger suas fronteiras sem desrespeitar as leis internacionais, Macron estabelece mais uma vez sua posição de políticas rígidas de controle das fronteiras.

Ao se analisar ambos os discursos de Emmanuel Macron em termos qualitativos, assim como proposto por Yee (1996) de modo a conjugar os pontos fortes de ambos os meios de análise, é possível perceber indicações sutis da maneira com a qual o presidente fala sobre imigração e refugiados. Foi usado o software Iramuteq de análise de conteúdo em dois discursos do presidente: O discurso na Ambassador's Week em 2017, e outro feito na Assembléia Geral das Nações Unidas, em 2018. Foram analisados apenas os trechos oficialmente definidos como aqueles que tratam sobre imigração.

A primeira análise realizada foi a de ocorrência de palavras, que classifica as palavras mais utilizadas em ambos os segmentos dos discursos, organizando-as em um gráfico do tipo nuvem, assim como disponível na Figura apresentada abaixo:

Figura 1 - Gráfico de Nuvem: Frequência das palavras nos discursos de Macron

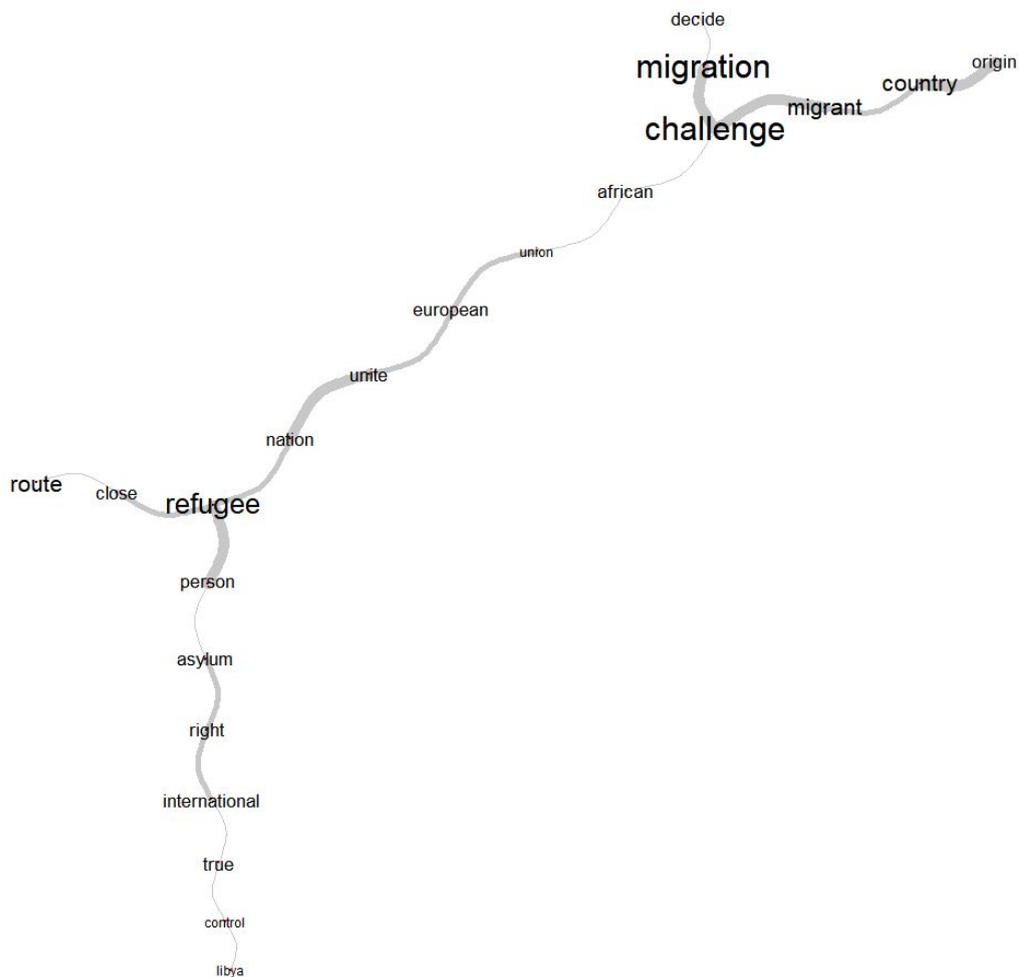


Fonte: Elaborado pelo autor (ANDRADE, 2018) em Iramuteq

Aqui, é possível perceber que ao citar a imigração, Emmanuel Macron usa com frequência o termo *Challenge* (ou desafio em tradução livre), o que indica o tipo de abordagem feita pelo presidente francês ao tratar do tema. Outras palavras usadas com frequência nos discursos são refugiado, rota, país e migrante (todas, originalmente em inglês no gráfico).

Essa análise de frequência pode ser utilmente complementada por uma outra: A análise de similitude que se baseia na teoria dos grafos de Marchand & Ratinaud (2012). A análise de similitude se propõe a mensurar as correlações no uso de uma e outra palavra. Ela pode ser vista na Figura 2, abaixo:

Figura 2 - Análise de Similitude: Correlação das palavras nos discursos de Macron



Fonte: Elaborado pelo autor (ANDRADE, 2018) em Iramuteq

Com esta análise, é possível entender de forma ainda mais clara o tipo de discurso feito pelo presidente Macron: A palavra migration (migração) é fortemente associada à challenge (desafio) e em ordem decrescente à migrant (migrante), country (país) e origin (origem). A palavra refugee (refugiado) por sua vez aparece associada, não com tanta força, à palavras como person (pessoa) e nation (nação). Aqui é importante também analisar a associação de close (fechar) e route (rota), junto à palavra refugee, o que reafirma o discurso de fechar rotas de imigração como uma das principais medidas sugeridas.

Ambas as análises apenas reforçam o discurso sutil, mas claramente à favor de controle maior e medidas mais contundentes de modo a conter o fluxo migratório, assim como evidenciado anteriormente nesta mesma sessão de capítulo.

Contudo, além das questões de aceitação dos pedidos de asilo e do controle ou não dos fluxos migratórios, a verdade é que a situação dos imigrantes e seus descendentes que já residiam dentro da França pouco mudou, independentemente do impacto surtido e da discussão levantada por meio do futebol. Segundo o jornalista Willy Delvalle em artigo publicado pelo Diário do Centro do Mundo, a inserção social dessas pessoas seria um fracasso.

As estatísticas oficiais apontam que uma família de origem africana na França vive com aproximadamente 1200 euros por mês, menos do que um salário mínimo, próximo do limite da pobreza, de mil euros. A renda de uma família de origem francesa gira em torno de dois mil. Se forem empurrados para o tráfico de drogas e pararem na cadeia, encontrarão um meio onde um a cada cinco detentos, um é estrangeiro, maioria que vem do Magreb, o norte da África, a África branca, que fala árabe e é muçulmana. Que, dentro das prisões, é discriminada e cuja inserção social é um verdadeiro fracasso. (DELVALLE, 2018 s/p)

Dentro deste cenário, é possível perceber que independentemente de políticas de imigração duras ou brandas, os imigrantes e seus descendentes seguem marginalizados e vivendo nos guetos de Paris e outras cidades. Econômica e socialmente distante da sociedade, ainda assim são vistos como ameaça pelos nacionalistas. Jamais integrados na sociedade, com identidades e rótulos impostos a eles por outros, essas pessoas se sentem franceses, são franceses por direito ao mesmo tempo que lhe vêm negado o sentimento de serem franceses de fato e de se integrarem à sociedade francesa.

Em uma pesquisa realizada em 2016 que ainda se mantém bastante atual, realizada pelo Instituto Nacional de Estudos Demográficos (INED) e pelo Instituto Nacional Francês de

Estatísticas (INSEE), foi mostrado que a segunda geração de imigrantes (Os filhos da primeira, nascidos em território francês e com nacionalidade garantida) não só não estavam integrados à sociedade como inclusive tinham um nível de integração ainda mais baixo do que a primeira geração. Enquanto 93% desses imigrantes e descendentes se sentia francês e via a França como seu país, mais de 50% deles declarou que não eram percebidos pela sociedade como franceses de fato⁶².

A ideia nacionalista afetou sobremaneira a política francesa nesse sentido, e o discurso neutro adotado pelo presidente Emmanuel Macron apenas serviu para legitimar práticas nesse sentido, visto que as leis de imigração apenas endureceram com o passar dos anos e que muito pouco foi feito para a integração socioeconômica desses indivíduos de fato. O impacto das ideias pró-imigração apenas afeta o discurso de modo a tornar as políticas anti-imigração mais tangíveis e palatáveis, classificando imigrantes econômicos como não refugiados de modo a oferecer-lhes tratamento diferenciado e asilo negado, ou usando do argumento da rapidez de concessão como mérito enquanto essa rapidez serve basicamente para conceder ainda menos asilo, para negar com ainda mais velocidade a entrada de centenas de pessoas.

Acima de tudo, é possível observar que o discurso nacionalista cresceu sobremaneira, tendo afetado e sido afetado pela questão da nacionalidade no futebol. Enquanto a demanda da sociedade por políticas mais duras fez crescer partidos que se baseavam no nacionalismo de extrema-direita, essa mesma demanda também fez com que Emmanuel Macron adotasse políticas de imigração cada vez mais duras. Enquanto saudava os heróis nacionais que ganharam o título mundial em 2018, Macron adotou políticas que impediam que mais pessoas como aqueles jogadores existissem na França.

⁶² Disponível em

<<http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/noticia/2016/01/pesquisa-revela-dificuldades-de-integracao-de-imigrantes-na-franca-4947102.html?impressao=sim>> acesso em 16 nov, 2018

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do estudo das relações internacionais por meio do esporte é imensa. Quando tomamos como meio de análise um esporte tão largamente praticado como o futebol, essa importância cresce ainda mais. Para o autor, poder estudar os impactos das visões sobre nacionalidade no futebol dentro da política de um país é de suma importância, visto que existe uma enorme possibilidade de em um futuro próximo esse tipo de fenômeno tomar a frente nas discussões de nacionalidade por meio futebolístico no Brasil.

Essa perspectiva de análise também pode ter importância futura para países como a Colômbia, a Jordânia e a Turquia, cada um com seus diferentes contextos de recepção de imigrantes, ao mesmo tempo em que é de suma importância no presente para que possamos entender a realidade de grandíssima parte dos países europeus, sendo Bélgica, Portugal e Inglaterra alguns dos fortes exemplos, além, claro, da França.

Partindo do objetivo de analisar o conceito de nacionalidade, tomando como base a Seleção Nacional de Futebol da França entre os anos de 1998 e 2018, estabelecendo o desporto futebolístico como campo válido de análise sociopolítica e identitária dentro das relações internacionais e entender como isso afeta a política francesa atual na figura de Emmanuel Macron, verificou-se que existiu um número crescente de imigrantes e seus descendentes jogando na seleção nacional após o sucesso esportivo da seleção “black-blanc-beur” de 1998, ao mesmo tempo em que esse número passou a diminuir após o vice-campeonato em 2006 junto ao crescimento e fortalecimento político do nacionalismo de extrema-direita no país.

Verificou-se também, que esses jogadores descendentes de imigrantes sofriam dificuldades para serem vistos como franceses pela sociedade, apesar de eles mesmos se identificassem como tal. Esse fenômeno é explicado por Bauman (2005) que disse que grupos mais excluídos e minorias acabam por ter certas identidades impostas a eles pela sociedade (aqui, a de imigrante) enquanto podem ter outras identidades negadas a si (aqui, a de franceses).

Foi possível também analisar o impacto dessa situação na política francesa, já que o fortalecimento dos partidos de extrema direita, com sucessivos resultados sendo os maiores obtidos na história sendo acompanhados de discursos fortemente contrários à presença de imigrantes na seleção nacional francesa. Mas principalmente, pôde-se analisar o impacto

dessa visão negativa sobre os imigrantes na política de Emmanuel Macron, que mesmo com um discurso neutro de início, acabou por adotar políticas anti-imigração fortíssimas, atendendo à demanda popular por essas políticas.

De todo modo, existem outras abordagens possíveis que acrescentariam bastante à área de estudos do fenômeno da nacionalidade e do futebol e certamente seriam de grande importância para o estudo do tema apresentado.

Uma análise prática reversa, estudando as origens familiares e locais de nascimento dos jogadores de países africanos e asiáticos de modo a entender se eles têm origens vindas de países colonizadores como França, Bélgica, Portugal e afins poderia revelar novos fatos dentro do tema, estabelecendo uma relação inversa e quiçá confirmando certos fenômenos e descartando outros.

Outra análise possível, é a da presença de estrangeiros dentro de um campeonato nacional de clubes. O tema da presença de jogadores estrangeiros em detrimento dos nacionais (e em diversos casos a maioria absoluta de estrangeiros em comparação aos nacionais) nos clubes de futebol pela Europa é tema de discussões e análises recorrentes.

Por último, dessa vez fora do tema nacionalidade, um possível estudo sobre o uso do futebol como ferramenta política certamente traria grandes benefícios ao campo das Relações Internacionais

6. REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Hildebrando; CASELLA, Paulo Borba; SILVA, G. E. do Nascimento. **Manual de Direito Internacional Público**. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p.507.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Pereira. **Com brasileiros, não há quem possa! Futebol e identidade nacional em José Lins do Rêgo, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: UNESP, 2004.

AZAMBUJA, Darcy. **Teoria Geral do Estado**. 41a ed., São Paulo, Editora Globo, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEAUCARNOT, Jean-Louis. **Aux origines de Payet, Giroud et Griezmann**. La Revue Française de Généalogie, 2016. Disponível em: <<https://www.rfgenealogie.com/s-informer/infos/celebrities/aux-origines-de-payet-giroud-et-griezmann>> Acesso em 01 Set, 2018.

BERARDO, Caio Marco, **Evolução histórica do instituto da nacionalidade**, 2005, Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/6152/evolucao-historica-do-instituto-da-nacionalidade>> Acesso em 28 Out, 2018

BUGIATO, Caio Martins. **Declínio do Estado-nação?**. Campinas, 2011.

BULLÉ, Jamille. **20 anos após geração “Black-blanc-beur” de 98, questão racial ainda envolve a França**. Globoesporte, 2018. Disponível em:

<<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/franca/noticia/20-anos-apos-geracao-black-blanc-beur-de-98-questao-racial-ainda-envolve-a-franca.ghtml>> Acesso em 27 nov, 2018.

CARDOSO, Rafael. **Há 40 anos, futebol serviu de pretexto para guerra entre Honduras e El Salvador.** Globoesporte, 2009. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Memoria/0,,MUL1228139-16319,00-HA+ANOS+FUTEBOL+SERVIU+DE+PRETEXTO+PARA+GUERRA+ENTRE+HONDURAS+E+EL+SALVADOR.html>> Acesso em 02 Set, 2018.

CHOJNICKI, Xavier; RAGOT, Lionen. **Immigration, vieillissement démographique et financement de la protection sociale : une évaluation par l'équilibre général calculable appliqué à la France**", Centre d'études prospectives et d'informations internationales, 2011, p. 41.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga.** Trad. De Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DAVIDSON, Donald. **Actions, reasons, and causes.** Journal of Philosophy 60:685-700. 1963.

DEL'OLMO, Florisbal de Souza. **Curso de Direito Internacional Público.** Rio de Janeiro: Forense, 2002, p.228.

DESSLER, David.. **Beyond correlations: Toward a causal theory of war.** International Studies. Quarterly 35:337-55. 1991

DELVALLE, Willy. **A direita francesa tenta destruir a vitória da seleção multiétnica. Por Willy Delvalle, de Paris.** Diário do Centro do Mundo, 2018. Disponível em <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-direita-francesa-tenta-destruir-a-vitoria-da-selecao-multietnica-por-willy-delvalle-de-paris/>> acesso em 16 nov, 2018.

DUPRÉ, Remi. **Coupe du monde 2018 : l'équipe de France, objet politique malgré elle.** Le Monde, 2018. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/mondial-2018/article/2018/07/10/l-equipe-de-france-objet-politique-malgre-elle_5328871_5193650.html> Acesso em 01 Set, 2018.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol.** 2010. 118 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-08032010-115743/en.php>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

FAY, Brian. **Social theory and political practice.** London: Unwin Hyman. 1975.

FLORENZANO, José Paulo. **A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras**. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2850/285022061008/>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

FRANÇA, Breno. **Quando a Copa parou a guerra civil e Drogba marcou um golão pela paz na Costa do Marfim**. Hypheness, 2018. Disponível em: <<https://www.hypheness.com.br/2018/06/didier-drogba-copa-guerra-costa-do-marfim/>> Acesso em 02 Set, 2018.

FRANÇA, Presidente (2017-2022: Emmanuel Macron). **Discurso na Ambassador's Week 2017**. Paris, 28 ago. 2017. Disponível em <<https://www.diplomatie.gouv.fr/en/the-ministry-and-its-network/events/ambassadors-week/prior-editions/ambassadors-week-edition-2017/speech-by-president-emmanuel-macron-ambassadors-week-2017/>> acesso em 16 nov, 2018

FRANÇA, Presidente (2017-2022: Emmanuel Macron). **Discurso na Assembléia Geral das Nações Unidas 2018**. New York, 25 sep. 2018. Disponível em <<https://www.diplomatie.gouv.fr/en/french-foreign-policy/united-nations/events/united-nations-general-assembly-sessions/unga-s-73rd-session/article/united-nations-general-assembly-speech-by-president-emmanuel-macron-25-09-18>> acesso em 16 nov, 2018

FREITAS, Gustavo da Silva; RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Daniel Vidinha da. **Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol**. 2012. 12 p.- Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/15381/10466>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

GEERTZ, Clifford.. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books. 1973.

GEORGE, Alexander L.. **The causal nexus between cognitive beliefs and decision-making behavior: The "operational code" belief system**. In **Psychological models in international politics**, edited by Lawrence S. Falkowski. Boulder, Colo.: Westview. 1979.

GEORGE, Jim. **Discourses of global politics: A critical reintroduction to international relations**. Boulder, Colo.: Rienner. 1994.

GIBBONS, Michael T. **Introduction: The politics of interpretation**. In **Interpreting politics**, editado por Michael Gibbons. New York: New York University Press.1987.

GIDDENS, Anthony. **The Constitution of Society. Outline of the Theory of Structuration.** California, University of California Press, 1984.

GOLDSTEIN, Judith. **Ideas, interests, and American trade policy.** Ithaca, N.Y.: Cornell University Press. 1993.

GOUSSINSKY, Eugenio. **Política no futebol leva França a rejeitar seus craques com origem muçulmana.** R7, 2015. Disponível em <<https://noticias.r7.com/internacional/politica-no-futebol-leva-franca-a-rejeitar-seus-craques-com-origem-muculmana-10012015>> acesso em 14 nov, 2018

HAAS, Peter M. **Introduction: Epistemic communities and international policy coordination.** International Organization. 1992.

HALL, Peter. **Introduction and Conclusion. In The political power of economic ideas: Keynesianism across nations.** edited by Peter A. Hall. Princeton, N.J.: Princeton University Press. 1989. pp 9-10

HALL, Peter A. **Governing the economy: The politics of state intervention in Britain and France.** New York: Oxford University Press.1986.

HALL, Peter A. **The movement from Keynesianism to monetarism: Institutional analysis and British economic policy in the 1970s. In Structuring politics: Historical institutionalism in comparative analysis,** editado por Sven Steinmo, Kathleen Thelen, and Frank Longstreth. Cambridge: Cambridge University Press. 1992.

HALL, Stuart. **Culture, Community, Nation,** Cultural Studies, 1993

HELAL, Ronaldo; GORDON JR, Cesar. **Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol.** Estudos Históricos, 1999.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: O Jogo como Elemento da Cultura,** São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

KEELEY, James F. **Towards a Foucauldian analysis of international regimes.** International Organization. 1990.

LAMRANI, Salin. **Imigração na França: da retórica xenófoba à realidade dos números.** Opera Mundi, 2012. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/opiniao/22276/imigracao-na-franca-da-retorica-xenofoba-a-realidade-dos-numeros>> Acesso em 12 Set, 2018.

LANDOLI, Rafael; RIBEIRO, Diego. **Os dois lados da migração: França tem 19 "gringos" na seleção e 29 nativos em outros países da Copa.** Globoesporte, 2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/franca/noticia/os-dois-lados-da-migracao-franca-tem-19-gringos-na-selecao-e-29-nativos-em-outros-paises-da-copa.ghtml>> Acesso em 01 Set, 2018.

LITTLE, Daniel. **Varieties of social explanation: An introduction to the philosophy of social science.** Boulder, Colo.: Westview. 1991.

LUMSDAINE, David Halloran. **Moral vision in international politics: The foreign aid regime, 1949-1989.** Princeton, N.J.: Princeton University Press. 1993.

MARINI, Margaret Mooney; SINGER, Burton. **Causality in the social sciences. In Sociological methodology.** 1988. edited by Clifford C. Clogg. Washington, D.C.: American Sociological Association. 1988.

MASSARI, Carlos. **Jogadores da seleção francesa representam um país que não os representa.** Medium, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@carlosmassari/jogadores-da-sele%C3%A7%C3%A3o-francesa-representam-um-pa%C3%ADs-que-n%C3%A3o-os-representa-4be7bcb26fdb>> Acesso em 02 Set, 2018.

MOREL, Antoine. **Copa da Rússia 2018: Multiétnica, seleção da França bicampeã mundial tem raízes em 17 países.** BBC, 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44826386>> Acesso em 01 Set, 2018.

ODELL, John. **From London to Bretton Woods: Sources of change in bargaining strategies and outcomes.** Journal of Public Policy. 1988.

PECENIN, Marcelo Fila. **Discurso, futebol e identidade nacional na COPA de 1998.** 2008. 19 p. Artigo - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/923/792>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

PETER, Laurence. **Seis perguntas sobre a crise de imigração na Europa.** BBC, 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150829_entenda_migracao_ab> acesso em 16 nov, 2018

ROBERT, Phillippe. **Une Généalogie de l'insécurité contemporaine.** Paris: Esprit, 2002. p.35-58.

ROSENBERG, Alexander. **Philosophy of social science**. Boulder, Colo.: Westview. 1988.

SALMON, Wesley C. **Four decades of scientific explanation**. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1990.

SANTOS, Márcio José Coutinho dos, **O "jus sanguinis" como critério de determinação da nacionalidade da pessoa natural segundo o direito internacional**, 2009, Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/12298/o-jus-sanguinis-como-criterio-de-determinacao-da-nacionalidade-da-pessoa-natural-segundo-o-direito-internacional/2>> Acesso em 28 Out, 2018.

SIKKINK, Kathryn. **Ideas and institutions: Developmentalism in Brazil and Argentina**. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press. 1991.

TAYLOR, Charles. **Interpretation and the sciences of man**. In **Interpretive social science: A reader**, editado por Paul Rabinow and William M. Sullivan. Berkeley: University of California Press. 1979.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Esporte, Poder e Relações Internacionais**, Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

WEIL, Patrick. **How to Be French: Nationality in the Making since 1789**. Londres: Duke University Press, 2008.

YEE, Albert S., **The Causal Effects of Ideas on Policies**. International Organization, Vol. 50, No. 1, Winter, 1996